

## Organização

Profa. Dra. Katya Luciane de Oliveira  
Prof. Dr. Marcos Hirata Soares  
Profa. Ms. Raquel Garcia de Lima Sória



# I EESMEPP

## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA





## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

### Comissão Organizadora

Profa. Dra. Katya Luciane de Oliveira - Universidade Estadual de Londrina  
Prof. Dr. Marcos Hirata Soares - Universidade Estadual de Londrina  
Profa. Ms. Raquel Garcia de Lima Sória - Unicesumar

### Comissão Científica

Profa. Dra. Ana Cláudia Barbosa da Silva Roosli - Universidade Estadual de Londrina  
Prof. Dr. Dinarte Alexandre Pietro Ballester - Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Fábio Orsini Lopes - Universidade Estadual de Maringá  
Profa. Dra. Máira Bonafé Sei - Universidade Estadual de Londrina

## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

Universidade Estadual de Londrina  
Londrina/PR  
22 a 24/04/2026





## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA



2026 - Thesis Editora Científica

Copyright © Thesis Editora Científica

Open access publication by Thesis Editora Científica

Editor Chefe: Felipe Cardoso Rodrigues Vieira

Diagramação, Projeto Gráfico e Design da Capa: Thesis Editora Científica

Revisão: Organização do evento e os autores



*Licença Creative Commons*

*Anais do I Encontro Estadual de Saúde Mental: Ensino, Práticas e Pesquisa* está licenciado com uma Licença Creative Commons 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

Esta licença exige que as reutilizações deem crédito ao criador. Ele permite que os reutilizadores distribuam, remixem, adaptem e construam o material em qualquer meio ou formato, mesmo para fins comerciais.

O conteúdo da obra e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, não representando a posição oficial da Thesis Editora Científica. É permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores. Todos os direitos para esta edição foram cedidos à Thesis Editora Científica.

ISBN: 978-65-83199-51-5

Thesis Editora Científica  
Teresina – PI – Brasil  
[contato@thesiseditora.com.br](mailto:contato@thesiseditora.com.br)  
[www.thesiseditora.com.br](http://www.thesiseditora.com.br)



2026





# ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA



2026 - Thesis Editora Científica

Copyright © Thesis Editora Científica

Open access publication by Thesis Editora Científica

Editor Chefe: Felipe Cardoso Rodrigues Vieira

Diagramação, Projeto Gráfico e Design da Capa: Thesis Editora Científica

Revisão: Organização do evento e os autores

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

I Encontro Estadual de Saúde Mental: Ensino, Práticas e Pesquisa  
: ensino, práticas e pesquisa (04. : 2026 : Londrina, PR)

Anais do I Encontro Estadual de Saúde Mental [livro eletrônico] :  
ensino, práticas e pesquisa / organização Katya Luciane de  
Oliveira, Marcos Hirata Soares, Raquel Garcia de Lima  
Sória. -- Teresina, PI : Thesis Editora Científica, 2026.  
PDF

Vários autores

Bibliografia

ISBN 978-65-83199-51-5

1. Pesquisa 2. Prática de ensino 3. Psicologia 4. Saúde  
mental I. Oliveira, Katya Luciane de. II. Soares, Marcos Hirata.  
III. Sória, Raquel Garcia de Lima. IV. Título.

26-359875.0

CDD-158

### Índices para catálogo sistemático:

1. Saúde mental : Psicologia 158

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Thesis Editora Científica  
Teresina – PI – Brasil  
contato@thesiseditora.com.br  
www.thesiseditora.com.br



2026





## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

### PREFÁCIO

É com grande satisfação que apresentamos os Anais do *I Encontro Estadual de Saúde Mental: Ensino, Práticas e Pesquisa*, realizado entre os dias 22 e 24 de abril de 2026, na Universidade Estadual de Londrina, reunindo pesquisadores, docentes, estudantes e profissionais de diferentes áreas comprometidos com a produção de conhecimento, a qualificação das práticas de cuidado e o fortalecimento das políticas públicas em saúde mental.

O evento consolidou-se como um espaço de diálogo interdisciplinar e de articulação entre ensino, pesquisa e prática clínica, promovendo discussões atuais e socialmente relevantes sobre os múltiplos desafios que atravessam o campo da saúde mental contemporânea. Ao longo de sua programação, foram abordadas temáticas relacionadas à gestão de riscos psicossociais, inclusão social, reabilitação psicossocial, saúde mental da população LGBTQIAPN+, espiritualidade, dependências contemporâneas, avaliação psicológica e uso da inteligência artificial, entre outras questões emergentes no cenário nacional.

Os trabalhos reunidos neste volume expressam a diversidade de perspectivas teóricas, metodológicas e práticas presentes no evento, contemplando relatos de experiência, pesquisas quantitativas e qualitativas, estudos sobre vulnerabilidades sociais, formação profissional, sofrimento psíquico, estratégias de cuidado territorial, atenção psicossocial e processos de inclusão. A pluralidade das produções evidencia o compromisso ético e científico dos autores com uma saúde mental pautada na dignidade humana, na equidade e na construção de práticas mais humanizadas e contextualizadas.

Além de fomentar a divulgação científica, o encontro fortaleceu a integração entre diferentes instituições de ensino e serviços de saúde, ampliando possibilidades de colaboração acadêmica e profissional. As conferências, mesas-redondas e minicursos proporcionaram reflexões fundamentais acerca das transformações sociais, culturais e tecnológicas que impactam diretamente os modos de viver, sofrer e cuidar na contemporaneidade.

Destacamos também a relevância da participação estudantil e da inserção de jovens pesquisadores, reafirmando o papel da universidade pública como espaço de formação crítica, produção de conhecimento e compromisso social. A construção coletiva deste evento demonstra a potência da articulação entre diferentes áreas do saber na produção de respostas mais sensíveis e efetivas às demandas em saúde mental.

Agradecemos profundamente aos palestrantes, pesquisadores, autores, avaliadores, estudantes, instituições parceiras e membros das comissões organizadora e científica que contribuíram para a realização deste encontro e para a concretização desta publicação. Esperamos que os trabalhos aqui apresentados inspirem novas pesquisas, práticas inovadoras e reflexões comprometidas com o fortalecimento da saúde mental em seus diferentes contextos de atuação.

Desejamos a todos uma excelente leitura.

**Presidente da Comissão Organizadora**

*I Encontro Estadual de Saúde Mental: Ensino, Práticas e Pesquisa*

*Prof. Dr. Marcos Hirata Soares*

Universidade Estadual de Londrina – UEL

Londrina – PR – Brasil





# ANAIIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

## SUMÁRIO

RESUMOS .....	7
TRANSFORMAÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DO ENFERMEIRO NO SISTEMA PRISIONAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA .....	8
INTERNAÇÃO DE MULHERES POR USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS SEGUNDO RAÇA/COR E DIAGNÓSTICOS EM SÃO PAULO .....	10
TRIAGEM PSICOLÓGICA COMO PRINCIPAL PORTA DE ENTRADA DE UM SERVIÇO-ESCOLA: AÇÕES DE CUIDADO E ÉTICA EM SAÚDE MENTAL .....	12
A LOUCURA OCUPA O ESTÁDIO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E DIREITO À CIDADE .....	14
CONTRIBUIÇÕES DO AUTOCONHECIMENTO PARA A SAÚDE MENTAL DE PROFISSIONAIS DA ATENÇÃO PRIMÁRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA .....	16
FELICIDADE E TRANSIÇÃO PROFISSIONAL À LUZ DA PSICOLOGIA POSITIVA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA .....	18
O PSICODIAGNÓSTICO COMO ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO COM O PACIENTE BORDERLINE EM UM SERVIÇO-ESCOLA DE PSICOLOGIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA .....	19
RELAÇÃO ENTRE BURNOUT E IDEAÇÃO SUICIDA EM ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO .....	21
ENTRE O BIOLÓGICO E O SOCIAL: A OBESIDADE NA ADOLESCÊNCIA FEMININA NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA RECENTES .....	23
PUBERDADE PRECOCE: UMA ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES SOBRE INTERVENÇÕES PSICOLÓGICAS NESSE CONTEXTO .....	25
PRECEPTORIA MULTIPROFISSIONAL EM HOSPITAL ESCOLA: IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL FRENTE À SOBRECARGA ASSISTENCIAL .....	27
PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL NA TERCEIRA IDADE: RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DE OFICINAS PSICOEDUCATIVAS .....	28
VIOLÊNCIA PATRIMONIAL CONTRA MULHERES: UM RELATO DE PESQUISA SOBRE SAÚDE MENTAL E VULNERABILIDADE .....	30
MÃES DE GÊMEOS PREMATUROS: A ESCUTA PSICANALÍTICA NA UTI NEONATAL .....	31
DESAFIOS EMOCIONAIS VIVENCIADOS POR EQUIPES DE GRUPOS TERAPÊUTICOS EM FORMAÇÃO .....	33
INTERNAÇÃO DE MULHERES POR USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS NO ESTADO DE SÃO PAULO .....	34
RELATO DE EXPERIÊNCIA EM PROJETO EXTENSIONISTA: INTERAÇÃO BIOPSISSOCIAL E ECONÔMICA DE IMIGRANTES VENEZUELANOS NO BRASIL .....	36
INTERNAÇÕES DE MULHERES POR USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS NA RRAS 15: PERFIL ETÁRIO E DIAGNÓSTICO .....	38
A PSICANÁLISE DO SONHAR EM UM GRUPO BIONIANO .....	40
NASCIMENTOS DE GÊMEOS NA MATERNIDADE DO HU/UDEL .....	42
SERVIÇO DE CONVIVÊNCIA COMO DISPOSITIVO DE SAÚDE MENTAL NA VELHICE: OFICINA DE AUTOESTIMA E AUTOCONHECIMENTO .....	44
FATORES ASSOCIADOS AO USO DE PSICOFÁRMACOS EM PROFESSORES DA REDE ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO PARANÁ .....	46
ARTIGOS .....	47
MOMENTO PAUSA: ESTRATÉGIA DE HUMANIZAÇÃO E APOIO À EQUIPE APÓS O ÓBITO DO PACIENTE .....	48
MAPEANDO AFETOS: GRUPO DE APOIO PSICOLÓGICO A CRIANÇAS EM SERVIÇO-ESCOLA .....	51
A EQUIPE COMO EGO AUXILIAR: PSICODRAMA E SEGURANÇA PSICOLÓGICA NA FORMAÇÃO DE RESIDENTES DE ENFERMAGEM .....	57



# ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

## RESUMOS



## ANAIIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

### TRANSFORMAÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DO ENFERMEIRO NO SISTEMA PRISIONAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA

<sup>1</sup>Alexandra Renata Moretti; <sup>2</sup>Bruna Decco Marques da Silva <sup>3</sup>Marcos Hirata Soares; <sup>4</sup>Eliane das Graças Ridão

<sup>1</sup>Enfermeira Mestranda. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Estadual de Londrina.  
[alexandra.renata@uel.br](mailto:alexandra.renata@uel.br)

<sup>2</sup>Enfermeira Doutoranda. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Estadual de Londrina.  
[bruna.deccomsilva@uel.br](mailto:bruna.deccomsilva@uel.br)

<sup>3</sup> Professor Doutor. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Estadual de Londrina.  
[mhirata@uel.br](mailto:mhirata@uel.br)

<sup>4</sup>Enfermeira Mestranda. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Estadual de Londrina.  
[elianedasgracasridao@gmail.com](mailto:elianedasgracasridao@gmail.com)

**INTRODUÇÃO:** A identidade profissional do enfermeiro é construída de forma dinâmica, influenciada pelas experiências em diferentes contextos sociais e relacionais<sup>1</sup>. No sistema prisional, marcado por vulnerabilidades e estigmas, essa construção pode sofrer transformações significativas, impactando diretamente o modo de cuidar.<sup>2</sup> **4 OBJETIVO:** Relatar a experiência de uma enfermeira mestranda durante a coleta de dados de sua pesquisa em uma instituição prisional de regime fechado. **MÉTODOS:** Trata-se de um relato de experiência vivenciado por enfermeira durante a coleta de dados de pesquisa sobre saúde mental de pessoas privadas de liberdade. A experiência ocorreu de agosto a novembro de 2025, em instituição prisional de regime fechado no estado do Paraná, Brasil. Participaram internos selecionados conforme critérios institucionais de comportamento e interesse em atividades educativas e terapêuticas. As ações foram conduzidas pela enfermeira, com acompanhamento da equipe de segurança penitenciária, em espaço autorizado pela administração da unidade. A intervenção consistiu em encontros periódicos de arteterapia, voltados à expressão emocional, socialização e reflexão. As atividades envolveram produção artística e rodas de conversa, favorecendo a escuta e o compartilhamento de vivências. **RESULTADOS:** O primeiro contato com o sistema prisional foi marcado por emoções intensas, como ansiedade, medo e insegurança, evidenciando o impacto dos estigmas socialmente construídos acerca do cárcere. A experiência inicial representou um confronto interno, mobilizando crenças, valores e percepções que compõem a identidade profissional da enfermeira. No decorrer dos encontros de arteterapia, o envolvimento progressivo dos participantes, com respeito e participação ativa, tensionou expectativas prévias e favoreceu a desconstrução de julgamentos. A interação possibilitou reconhecer as pessoas privadas de liberdade para além da condição penal, evidenciando dimensões subjetivas e necessidades emocionais. Esse processo contribuiu para a ressignificação da identidade profissional, fortalecendo a escuta qualificada, a empatia e a compreensão do cuidado como prática ética e humanizada, mesmo em contexto de privação de liberdade. **DISCUSSÃO:** A vivência no sistema prisional provoca tensionamentos e ressignificações na identidade profissional do enfermeiro, fortalecendo uma prática de cuidado mais empática, ética e humanizada.<sup>3</sup> **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A experiência no sistema prisional ultrapassou a dimensão técnica do cuidado, configurando-se como processo de transformação da identidade profissional da enfermeira. A vivência favoreceu a ressignificação de percepções e o fortalecimento de uma prática pautada na empatia, sensibilidade ética e reconhecimento da dignidade humana. Evidencia-se que a identidade do enfermeiro se constrói e se redefine na interação com contextos complexos e desafiadores. **Descritores:** Enfermeiros. Serviços Penitenciários. Arteterapia. Prática Profissional.



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. Oliveira BGRB. A passagem pelos espelhos: a construção da identidade profissional da enfermeira. *Texto Contexto Enferm.* 2006;15(1):60-7.
2. Cardoso DR, et al. Formação da identidade profissional de enfermeiros para o trabalho no sistema prisional. *Rev Enferm UERJ.* 2023;31:e76762. doi:10.12957/reuerj.2023.76762.
3. Gonçalves NSCS. Cuidar entre as grades: vivências dos enfermeiros [dissertação]. Porto: Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Universidade do Porto; 2014.
4. Fernandes S, Caçador Anastácio Z. Perfil de competência emocional de enfermeiros em contexto de reclusão. *Rev INFAD Psicol.* 2022;2(1):407-16. doi:10.17060/ijodaep.2022.n1.v2.2369.



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

### INTERNAÇÃO DE MULHERES POR USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS SEGUNDO RAÇA/COR E DIAGNÓSTICOS EM SÃO PAULO

Ana Paula Moreira da Silva<sup>1</sup>; Leticia Gabriela Pagoti<sup>2</sup>; Laysa Cristine Oliveira Dias<sup>3</sup>; Marcela Aparecida Alvarez Ferraz<sup>4</sup>; Késsia Giovanna Bresque Azarias<sup>5</sup>; Emiliana Cristina Melo<sup>6</sup>; Ana Lúcia De Grandi<sup>7</sup>

<sup>1</sup>Estudante de Enfermagem, Universidade Estadual do Norte do Paraná, Bandeirantes-PR, Brasil  
E-mail: [am2261381@gmail.com](mailto:am2261381@gmail.com)

<sup>2</sup>Estudante de Enfermagem, Universidade Estadual do Norte do Paraná, Bandeirantes-PR, Brasil.  
E-mail: [pagotileticia@gmail.com](mailto:pagotileticia@gmail.com)

<sup>3</sup>Estudante de Enfermagem, Universidade Estadual do Norte do Paraná, Bandeirantes-PR, Brasil.  
E-mail: [peossoallaysadias@gmail.com](mailto:peossoallaysadias@gmail.com)

<sup>4</sup>Enfermeira, Universidade Estadual do Norte do Paraná, Bandeirantes-PR, Brasil.  
E-mail: [marcelaalvarz8@gmail.com](mailto:marcelaalvarz8@gmail.com)

<sup>5</sup>Enfermeira Universidade Estadual do Norte do Paraná, Bandeirantes-PR, Brasil.  
E-mail: [kessiabresque01@gmail.com](mailto:kessiabresque01@gmail.com)

<sup>6</sup>Enfermeira, Doutora em enfermagem. Universidade Estadual do Norte do Paraná, Bandeirantes-PR.  
E-mail: [ecmelo@uenp.edu.br](mailto:ecmelo@uenp.edu.br)

<sup>7</sup>Enfermeira, Doutora em Saúde Coletiva. Universidade Estadual do Norte do Paraná, Bandeirantes-PR.  
E-mail: [analucia@uenp.edu.br](mailto:analucia@uenp.edu.br)

**INTRODUÇÃO:** Os problemas relacionados ao uso de álcool e outras drogas entre as mulheres são uma realidade na sociedade atual, com impactos à saúde física, mental e social. Nesse contexto, destacam-se maior vulnerabilidade, estigmatização e barreiras no acesso ao cuidado. Além disso, a raça/cor atua como determinante social, evidenciando desigualdades nas internações por transtornos relacionados ao uso de substâncias psicoativas, especialmente no estado de São Paulo. **OBJETIVO:** Analisar as taxas de internação de mulheres por transtornos relacionados ao uso de substâncias psicoativas, segundo raça/cor e diagnóstico, no período de 2015 a 2024, no Estado de São Paulo. **MÉTODO:** Trata-se de um estudo ecológico, transversal e descritivo, com abordagem quantitativa, sobre internações de mulheres por transtornos relacionados ao uso de substâncias psicoativas no Estado de São Paulo. Os dados de internação foram obtidos do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS), por meio do portal do DATASUS ([www.datasus.gov.br](http://www.datasus.gov.br)). A coleta de dados foi realizada no período de novembro de 2024 a maio de 2025, sendo incluídas na pesquisa todas as internações de mulheres ocorridas no Estado de São Paulo, entre os anos de 2015 e 2024, com diagnóstico principal classificado nos códigos F10 a F19 da CID-10, conforme registros disponíveis no DATASUS. Os dados foram analisados por estatística descritiva no RStudio. **RESULTADOS:** As maiores taxas de internação de mulheres por transtornos relacionados ao uso de substâncias psicoativas concentram-se entre mulheres pardas e brancas. Entre as pardas, destacam-se o diagnóstico de dependência por uso de múltiplas drogas (95,400), transtornos psicóticos (8,322) e intoxicação por álcool (6,465). Entre as brancas, evidenciam-se dependência por uso de múltiplas drogas (78,136) e dependência de cocaína (25,160). Entre as mulheres pretas, destacam-se dependência por uso de múltiplas drogas (16,897) e dependência de cocaína (4,519). Também se observam valores elevados na dependência por uso de múltiplas drogas entre mulheres amarelas (27,161) e indígenas (22,573). **DISCUSSÃO:** Os resultados evidenciam importantes desigualdades nas internações de mulheres por transtornos relacionados ao uso de substâncias psicoativas segundo raça/cor, com maior concentração entre determinados grupos raciais. Esse padrão pode estar associado tanto à maior identificação dos casos e melhor acesso aos serviços de saúde, especialmente entre mulheres brancas, que historicamente enfrentam menos barreiras quanto à maior vulnerabilidade social entre



## ANAIIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

mulheres pardas, com alta exposição a fatores de risco como desigualdades socioeconômicas, violência e menor acesso a ações preventivas. Por outro lado, as menores taxas observadas entre mulheres pretas não indicam necessariamente menor ocorrência, podendo refletir barreiras de acesso, racismo estrutural e institucional e subnotificação dos casos, evidenciando iniquidades no cuidado. Em relação às mulheres amarelas e indígenas, os valores devem ser interpretados com cautela, pois o baixo número absoluto de internações pode gerar instabilidade nas taxas, além de possíveis dificuldades de acesso, invisibilidade nos sistemas de informação e diferenças culturais no uso dos serviços de saúde. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Os dados reforçam a necessidade de medidas em saúde, que considerem gênero, desigualdades sociais e raciais, promovam a equidade no acesso aos serviços de saúde e fortaleçam ações de prevenção e tratamento. **DESCRIPTORIOS:** Transtornos relacionados ao uso de substâncias; Mulheres; Desigualdades de Saúde

### REFERÊNCIAS

- Ministério da Saúde (BR). Departamento de Informática do SUS (DATASUS). Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS) [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2024 [citado 2026 Fev 27]. Disponível em: <http://datasus.saude.gov.br>
- Organização Mundial da Saúde (OMS). Relatório sobre a situação global sobre álcool e saúde e tratamento de transtornos por uso de substâncias [Internet]. Genebra: OMS; 2024 [citado 2026 Mar 30]. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240096745>
- Borges CD, Schneider DR. Vulnerabilidade, família e o uso de drogas: uma revisão integrativa de literatura. *Psicol Rev.* [Internet]. 2021 [citado 2026 Mar 30];30(1):9-34. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/44389/37609>



## ANAIIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

### TRIAGEM PSICOLÓGICA COMO PRINCIPAL PORTA DE ENTRADA DE UM SERVIÇO-ESCOLA: AÇÕES DE CUIDADO E ÉTICA EM SAÚDE MENTAL

Ananda Kenney da Cunha Nascimento<sup>1</sup>, Amanda Lays Monteiro Inácio<sup>1</sup>, Marcela Pastana<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Psicóloga. Professora Doutora do Departamento de Psicologia Clínica, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis.

**INTRODUÇÃO:** A triagem psicológica constitui o momento inicial de acolhimento em serviços-escola e vai além da coleta de dados ao priorizar o *rapport*, a escuta qualificada e a identificação da demanda, favorecendo a participação do paciente nas decisões de encaminhamento. Desde 2024, esta tem sido desenvolvida no serviço-escola da Universidade Estadual Paulista, Assis-SP. **OBJETIVO e MÉTODO:** focar nos aspectos metodológicos do ano de 2025, quando a equipe foi composta por 7 extensionistas sob supervisão, 3 docentes-supervisoras-coordenadoras, e 5 técnicos-administrativos. Os encaminhamentos consideram as queixas e demandas dos usuários, podendo direcioná-los para diferentes modalidades de atendimento oferecidas interna ou externamente. **RESULTADOS:** No levantamento dos casos, contou-se com 50 desistências, 13 abandonos e 173 casos encaminhados para atendimento interno, sendo 27 crianças, 25 adolescentes, 112 adultos e 9 idosos; 73 casos aguardam triagem no ano seguinte, perfazendo-se 309 pessoas que buscaram o serviço. **DISCUSSÃO:** Destaca-se a relevância do dispositivo no território, uma vez que a extensão articula indissociavelmente o cuidado em saúde e bem-estar da população atendida, e a formação qualificada dos estudantes de Psicologia. Logo, promove-se o desenvolvimento de competências técnicas e éticas no exercício clínico, tanto em seus aspectos burocráticos quanto na oferta de uma escuta acolhedora, servindo de apoio aos dispositivos locais da rede pública de saúde mental. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Embora a triagem apresente limitações quanto ao número de sessões (entre 1 e 3 sessões), evidencia-se seu potencial como espaço de acolhimento e reflexão, favorecendo processos de transformação subjetiva diante de sofrimentos atravessados por vulnerabilidades sociais, econômicas e marcadores de raça, gênero e sexualidade. **DESCRITORES:** Prática psicológica; triagem; estudante universitário; psicologia clínica.

#### REFERÊNCIAS

- Ancona-Lopes M. Psicodiagnóstico: processo de intervenção. São Paulo: Cortez; 1995.
- Cerioni RA, Herzberg E. Triagem psicológica: da escuta das expectativas à formulação do desejo. *Psicol Teor Prat*. 2016;18(3):19–29. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-36872016000300002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872016000300002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 11 jan. 2024. doi:10.5935/1980-6906/psicologia.v18n3p19-29
- Favero S, Kveller DB. Adjetivar a Psicologia? *Estud Psicol (Rio J)*. 2022;22(1):1499–1517. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/71758/44253>. Acesso em: 28 ago. 2024.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Indicadores brasileiros para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Rio de Janeiro: IBGE; 27 jan. 2026. Disponível em: <https://odsbrasil.gov.br/relatorio/sintese>. Acesso em: 10 jan. 2026.
- McWilliams N. Diagnóstico psicanalítico: entendendo a estrutura da personalidade no processo clínico. 2. ed. Porto Alegre: Artmed; 2014.
- Silva ACM, Oliveira ACP, Maireno DP. Incidência da escuta psicanalítica no processo de triagem no âmbito do serviço-escola de psicologia: um relato de experiência. *Rev Bras*



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

Psicoter. 2019;21(3):77–91. Disponível em:  
<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1223740>. Acesso em: 11 jan. 2024.  
doi:10.5935/2318-0404.20190022  
Stona J. Relações de gênero e escutas clínicas. Salvador: Devires; 2021.



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

### A LOUCURA OCUPA O ESTÁDIO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E DIREITO À CIDADE

André Luiz Assad Gonçalves<sup>1</sup>, Lara Simone Messias Floriano<sup>2</sup>, Patrícia Mudrey<sup>3</sup>, Raquel do Carmo Mocelim<sup>4</sup>, Simone Cristina Campos<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Psicólogo da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais Aplicadas PPGCSA-UEPG.

<sup>2</sup>Professora adjunta da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Docente do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais Aplicadas PPGCSA-UEPG.

<sup>3</sup>Programa de Pós graduação em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa - PPGCSA-UEPG.

<sup>4</sup>Prefeitura Municipal de Ponta Grossa

<sup>5</sup>Programa de Pós graduação em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa – PPGCSA-UEPG.

**INTRODUÇÃO:** A loucura permanece atravessada por representações sociais historicamente associadas à exclusão, periculosidade e incapacidade<sup>1,2</sup>. Mesmo após os avanços da Reforma Psiquiátrica Brasileira<sup>3</sup>, a circulação de pessoas com transtornos mentais graves em espaços públicos ainda é tensionada por fronteiras simbólicas invisíveis. **OBJETIVO:** A partir da teoria das Representações Sociais, compreende-se que tais imagens organizam práticas sociais e delimitam lugares possíveis de pertencimento<sup>1,2</sup>. Este trabalho analisa uma prática territorial desenvolvida em um Centro de Atenção Psicossocial II (CAPS II) de Ponta Grossa/PR, envolvendo a participação de usuários com psicoses em jogos de futebol, refletindo sobre seus efeitos na reconfiguração da autoimagem e no exercício do direito à cidade<sup>4</sup>. **MÉTODOS:** Trata-se de relato de experiência ocorrido entre março e novembro de 2025, envolvendo quatro usuários do CAPS II, com idades entre 30 e 50 anos e diagnóstico de psicoses. Eles participaram de oito jogos no estádio do time local, como torcedores na arquibancada. A primeira ida ocorreu como Acompanhamento Terapêutico; as demais foram realizadas com autonomia progressiva. O acesso foi viabilizado por programa de inclusão destinado a pessoas com deficiência, garantindo ingresso gratuito e acompanhante familiar. A atividade foi incluída no Projeto Terapêutico Singular dos participantes, com discussão prévia em equipe multiprofissional. **RESULTADOS:** Observou-se redução de apatia e isolamento, aumento de iniciativa e ampliação da circulação territorial para além do serviço. Os usuários passaram a organizar deslocamentos, combinar horários e solicitar renovação mensal de laudo médico para manutenção do benefício. Houve fortalecimento do vínculo com o CAPS como mediador de cidadania e maior interação familiar. Relatos como “agora eu sou torcedor do Operário (time local)” e “a coisa que eu mais gosto de fazer é ir no jogo” indicaram reconfiguração da autoimagem, deslocando a identidade centrada no diagnóstico para uma identidade coletiva positiva. Não ocorreram crises ou episódios de preconceito ao longo das experiências. **DISCUSSÃO:** A ocupação reiterada do estádio operou como contra-representação, tensionando imagens cristalizadas da loucura<sup>1,2</sup>. Conforme Moscovici, novas ancoragens simbólicas emergem da experiência vivida, reconfigurando sentidos sociais<sup>2</sup>. O futebol, enquanto ritual coletivo, produz pertencimento e identidade<sup>5</sup>. Entretanto, o acesso mediado por laudo médico revela ambivalência: amplia direitos, mas reinscreve o sujeito na lógica classificatória biomédica. A experiência evidencia que o território pode funcionar como dispositivo clínico e político de produção de cidadania<sup>4,6</sup>. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A prática demonstrou que a reabilitação psicossocial envolve reconstrução simbólica do lugar social do sujeito. A presença da loucura em espaço culturalmente valorizado amplia autonomia e direito à cidade. Trata-se de experiência situada, sem pretensão de generalização, mas que aponta



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

possibilidades para práticas territoriais em saúde mental.

### REFERÊNCIAS

- 1 Jodelet D. Representações sociais da loucura. Belo Horizonte: UFMG; 2009.
- 2 Moscovici S. Representações sociais: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes; 2012.
- 3 Brasil. Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001. Diário Oficial da União. 9 abr 2001.
- 4 Lefebvre H. O direito à cidade. São Paulo: Centauro; 2001.
- 5 Da Matta R. Carnavais, malandros e heróis. Rio de Janeiro: Rocco; 1979.
- 6 Amarante P. Loucos pela vida. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2007.



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

### CONTRIBUIÇÕES DO AUTOCONHECIMENTO PARA A SAÚDE MENTAL DE PROFISSIONAIS DA ATENÇÃO PRIMÁRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Bianca Aguiar da Silva<sup>1</sup>; Tatiane Angélica Phelipini<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Estudante de Enfermagem, Universidade Estadual do Norte do Paraná,  
Bandeirantes-PR, Brasil

E-mail: [silva.bianca@discente.uenp.edu.br](mailto:silva.bianca@discente.uenp.edu.br)

<sup>2</sup> Professora Doutora em Saúde Coletiva. Docente de Enfermagem da Universidade Estadual do Norte do Paraná. Bandeirantes, Paraná. Brasil.

E-mail: [tatiane.phelipini@uenp.edu.br](mailto:tatiane.phelipini@uenp.edu.br)

**INTRODUÇÃO:** No campo da psicologia comportamental, o psicólogo Skinner postula que o autoconhecimento não é uma característica intrínseca ao ser humano, mas um observador aprendido por meio das interações com o ambiente social(1). Nesse sentido, o desenvolvimento dessa habilidade favorece o reconhecimento das emoções, limites, necessidades, auxiliando o cuidado com a saúde mental e identificação precoce de sinais de exaustão e estresse ocupacional, fatores de risco para o desenvolvimento da síndrome de *burnout* entre profissionais da saúde, refletindo no existir da complexidade do indivíduo. No âmbito da Atenção Primária à Saúde (APS), a Política Nacional de Atenção Básica(2), preconiza o cuidado longitudinal e a proximidade com os usuários e comunidade que frequentemente expõe os profissionais a elevada carga emocional e desgaste no exercício do cuidado. Assim, o autoconhecimento torna-se uma ferramenta essencial de cuidado, com intuito de balancear e preservar a saúde mental dos profissionais(3). Esse estudo teve como **OBJETIVO** relatar a experiência do programa “Cuidando de Quem Cuida: um olhar humanizado aos profissionais da secretaria de saúde”, voltado ao fortalecimento emocional de trabalhadores da rede básica. **METODOLOGIA:** Tratou-se de um relato de experiência desenvolvido em um município do centro-sul do Paraná. Iniciado no ano de 2025, envolvendo toda equipe, em torno de 420 multiprofissionais da rede de APS, composta por diferentes categorias. A ação foi estruturada em 18 grupos com quatro horas de duração cada. Foi pautado na observação participante e fundamentou-se em referenciais metodológicos de Grupos Focais(4), utilizando rodas de conversa como dispositivo disparador e o autoconhecimento como tema central. Iniciou-se com exercícios de relaxamento com narração e músicas de fundo. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Observou-se fragilidade na percepção dos profissionais quanto aos gatilhos de estresse e da relevância das pausas no cotidiano laboral, e no reconhecimento consciente de que existem técnicas e estratégias para acalmar o subconsciente em momentos estratégicos empregados na autovigilância. Entre os desafios identificados destacam-se a elevada demanda assistencial e a resistência inicial em expor vulnerabilidades relacionadas ao âmbito profissional e pessoal. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** O investimento em práticas voltadas ao autoconhecimento contribui para a qualificação assistencial, uma vez que profissionais conscientes de sua saúde mental estabelecem vínculos terapêuticos mais saudáveis, empáticos e resilientes com a comunidade, mitigando os impactos do desgaste ocupacional. **DESCRITORES:** Autocuidado; Saúde Mental; Pessoal de Saúde; Atenção Primária à Saúde.

#### REFERÊNCIAS

1. Skinner BF. Ciência e comportamento humano. Nova Iorque: Macmillan; 1953.
2. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde; 2017.



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

3. Campos RO, Gama CA, Ferrer AL, Santos DV, Stefanello S, Trapé TL, et al. Mudanças na percepção dos profissionais da atenção primária quanto ao cuidado em saúde mental a partir da implementação do apoio matricial. *Physis (Rio J)*. 2011;21(4):1471-1487.
4. Camargo BV, Justo AM. Pesquisa com grupo focal: contribuições ao estudo das representações sociais. *Psicol Soc*. 2016;28(3):433-41.



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

### FELICIDADE E TRANSIÇÃO PROFISSIONAL À LUZ DA PSICOLOGIA POSITIVA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Bruna Decco Marques da Silva <sup>1</sup>; Alexandra Renata Moretti <sup>2</sup>; Marcos Hirata Soares <sup>3</sup>

<sup>1</sup> Enfermeira Doutoranda. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Estadual de Londrina.

[bruna.deccomsilva@uel.br](mailto:bruna.deccomsilva@uel.br)

<sup>2</sup> Enfermeira Mestranda. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Estadual de Londrina.

[alexandra.renata@uel.br](mailto:alexandra.renata@uel.br)

<sup>3</sup> Professor Doutor. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Estadual de Londrina.

[mhirata@uel.br](mailto:mhirata@uel.br)

**INTRODUÇÃO:** A felicidade é uma necessidade humana universal, com raízes na *eudaimonia* da Grécia Antiga, configurando-se como um processo contínuo ao longo da vida. **OBJETIVO:** Relatar a experiência de transição profissional de uma enfermeira. **MÉTODO:** Trata-se de um relato de experiência sobre a transição profissional de uma enfermeira, caracterizada pela mudança de instituição pública para privada, associada à redefinição da área de atuação, fundamentado na Psicologia Positiva, ocorrido em fevereiro de 2026, em um município do norte do Paraná. **RESULTADOS:** Motivada pela busca de maior alinhamento entre valores pessoais e contexto profissional, a mudança configurou-se como um processo gradual de decisão. No cenário anterior, fragilidades no modelo contratual, sobrecarga laboral e a responsabilidade pela liderança direta de equipe, associadas à ausência de perspectivas de crescimento, comprometiam o equilíbrio entre trabalho e vida pessoal. Nesse sentido, a cooperativa atual apresenta maior estruturação das responsabilidades e previsibilidade da jornada de trabalho, favorecendo o desligamento das demandas fora do horário laboral. Adicionalmente, a instituição oferece ações de promoção à saúde e bem-estar, como palestras, incentivo à prática de atividade física por meio de ginástica laboral e participação em eventos esportivos, bem como benefícios relacionados à alimentação e à valorização do trabalhador, incluindo a concessão de folga no dia do aniversário, favorecendo a felicidade. **DISCUSSÃO:** À luz da Psicologia Positiva, a nova experiência favoreceu emoções positivas, engajamento, relacionamentos positivos, sentido e realização. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A transição profissional mostrou-se fundamental para a promoção da felicidade e do equilíbrio entre trabalho e vida pessoal da enfermeira. **DESCRITORES:** Felicidade. Bem-Estar Subjetivo. Enfermeiros. Escolha Profissional.

#### REFERÊNCIAS:

Junoh N., Mustafa@Basu Z., Mustapha A. M., Mohamad A. M., & Hashim N. M. (2022). The reality of happiness according to scholars' viewpoints: a systematic literature review (SLR) analysis. *Proceedings*, 82 (1), 77. doi: 10.3390/proceedings2022082077

Seligman M.E.P., Csikszentmihalyi M. (2000). Positive psychology: an introduction. *Am Psychol*, 55 (1): 5-14.



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

### O PSICODIAGNÓSTICO COMO ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO COM O PACIENTE BORDERLINE EM UM SERVIÇO-ESCOLA DE PSICOLOGIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Bruna Rafaela Milhorini Greinert

Psicóloga, Mestre em Promoção da Saúde e doutoranda em Psicologia pela Universidade Estadual de Londrina

**INTRODUÇÃO:** Segundo o DSM V, o transtorno de personalidade borderline é caracterizado por sintomas como instabilidade afetiva, autoimagem negativa, sentimento de vazio, ideações suicidas, automutilações, comportamentos impulsivos, medo intenso do abandono, além da possibilidade de episódios dissociativos e ideação paranoide transitória.<sup>1</sup> Trata-se de um quadro grave e que afeta a vida cotidiana do sujeito, por isso, tratamentos medicamentosos e psicoterapia geralmente são necessários. Nesta perspectiva, o psicodiagnóstico interventivo trata-se de um procedimento que visa além da investigação clínica inicial sobre as condições psíquicas do paciente, objetiva simultaneamente intervenções as quais poderão trazer mudanças e bem-estar para o sujeito desde as consultas iniciais<sup>2</sup>, inclusive, para aqueles que apresentam um quadro de transtorno de personalidade borderline. **OBJETIVO:** Descrever a experiência do atendimento supervisionado pela professora do estágio em psicodiagnóstico de um serviço-escola de psicologia como uma ferramenta no processo de investigação clínica psicológica com um paciente com diagnóstico borderline. **MÉTODO:** Trata-se de um estudo descritivo, qualitativo do tipo relato de experiência, vivenciado pela professora supervisora do estágio em psicodiagnóstico clínico em um serviço-escola de psicologia a partir da supervisão de duas alunas que atenderam em conjunto uma paciente que apresentava um quadro borderline. O estágio tinha como finalidade supervisionar as alunas e orientá-las no atendimento inicial com a paciente, uma mulher, de aproximadamente 50 anos, que apresentava intensa oscilação de humor, com dificuldades comportamentais e relacionais decorrentes do transtorno borderline. O procedimento de psicodiagnóstico realizado ocorreu em 10 sessões, com encontro semanal de aproximadamente 50 minutos. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** a inserção do estágio supervisionado em psicodiagnóstico na atividade curricular possibilita aos alunos o desenvolvimento de práticas clínicas que estimula sua preparação para a atuação profissional, pois o psicólogo deve ser treinado para prestar um atendimento fidedigno e atento as demandas de seu paciente. Neste caso, o psicodiagnóstico interventivo possibilitou que o processo de triagem e acolhimento inicial fortalecesse o estabelecimento de um vínculo singular e potente entre as alunas e a paciente. A escuta afetiva e sensível estimulada pela prática do estágio supervisionado em psicodiagnóstico, proporcionou à paciente a escuta e acolhimento de suas próprias angústias e emoções difíceis, possibilitando um espaço para o pensar, elaborar e ressignificar, ainda que nas sessões iniciais. Neste caso, o processo de ensino-aprendizagem do psicodiagnóstico interventivo orientado pela professora no estágio em psicodiagnóstico estimulou as alunas a desenvolverem uma estratégia de atendimento unindo saberes científicos à sensibilidade clínica que um profissional psicólogo deve ter, além de acolher e fortalecer emocionalmente a paciente. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Dessa forma, o procedimento de psicodiagnóstico interventivo é de suma importância para a formação curricular de alunos, permitindo que ocorra a integração entre a teoria e a prática da psicologia como ciência e profissão. **Descritores:** psicodiagnóstico; psicodiagnóstico interventivo; transtorno de personalidade borderline.



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

### REFERÊNCIAS:

1. American Psychiatric Association. Diagnostic and statistical manual of mental disorders. 5th ed. Arlington, VA: American Psychiatric Association; 2013
2. Milani, RG; Tomael, MM; Greinert, BRM. Psicodiagnóstico interventivo psicanalítico. Est. Inter. Psicol., Londrina 2014; 5(1):80-95



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

### RELAÇÃO ENTRE BURNOUT E IDEIAÇÃO SUICIDA EM ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO

Camila Cristina Lunardelli Zanfrilli<sup>1</sup>, Daniela Frizon Alfieri<sup>2</sup>, Giovana Frazon de Andrade<sup>3</sup>, Renne Rodrigues<sup>4</sup>, Camilo Molino Guidoni<sup>5</sup>, Edmarlon Giroto<sup>6</sup>

<sup>1</sup>Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva da Universidade Estadual de Londrina.

<sup>2</sup>Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde da Universidade Estadual de Londrina.

<sup>3</sup>Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Estadual de Londrina.

<sup>4</sup>Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Estadual de Londrina.

<sup>5</sup>Programa de Pós-graduação em Ciências Farmacêuticas da Universidade Estadual de Londrina.

<sup>6</sup>Programa de Pós-graduação em Ciências Farmacêuticas da Universidade Estadual de Londrina.

**INTRODUÇÃO:** Estudantes universitários enfrentam situações estressantes específicas, como mudanças na rotina e moradia e possíveis frustrações com o curso, o que pode favorecer o desenvolvimento de problemas de saúde mental, como o burnout. Esse quadro tem sido associado ao surgimento de ideação suicida (IS), configurando também um fator de risco para o suicídio. Diante do aumento desses agravos nessa população, torna-se relevante investigar sua relação. Assim, o objetivo foi analisar a associação entre burnout e ideação suicida em estudantes de graduação de uma universidade pública. **MÉTODOS:** Estudo transversal com estudantes de todos os cursos de graduação de uma universidade pública do Paraná. O burnout foi avaliado pela *Copenhagen Burnout Inventory - Students* (CBI-S) adaptada para estudantes, e a IS pela última questão do *Patient Health Questionnaire-9* (PHQ-9). Foram consideradas variáveis sociodemográficas, comportamentais e de saúde mental. A associação entre IS e a variável independente – burnout total e seus domínios – foi avaliada pela regressão logística multinomial com cálculo do *Odds Ratio* (OR) e intervalo de confiança (IC) de 95% e alfa 5%. As variáveis de ajuste foram: sexo, Idade, cor da pele, IMC, uso de álcool, de substâncias ilícitas, tabagismo, prática de atividade física, orientação sexual, violência verbal durante a vida acadêmica, violência e assédio sexual durante a vida acadêmica, violência sexual na infância e/ou adolescência, diagnóstico prévio de depressão, diagnóstico prévio de ansiedade. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE nº 04456818.0.0000.5231). **RESULTADOS:** Entre 3.058 estudantes, 32,4% apresentaram ideação suicida, sendo 7,9% quase diariamente. Estudantes com IS apresentaram maiores níveis de burnout (média 85,79) em comparação aos sem IS (75,55). A análise de OR evidenciou que todas as associações do burnout com a IS não perdem significância estatística, mesmo após a aplicação do ajuste, independente da frequência da IS. Os OR observados foram: burnout pessoal (OR= 1,371 [IC95% 1,312 - 1,434; p<0,001]), burnout acadêmico (OR= 1,187 [IC95% 1,150 - 1,225; p<0,001]), burnout relacionado a colegas (OR= 1,104 [IC95% 1,077 - 1,130; p<0,001]) e burnout relacionados aos professores (OR= 1,080 [IC95% 1,055 - 1,105; p<0,001]), por fim, o burnout total (OR= 1,072 [IC95% 1,061 - 1,084; p<0,001]). **DISCUSSÃO:** Há elevada frequência de ideação suicida entre universitários, reforçando a magnitude do sofrimento psíquico nessa população. A maior pontuação de burnout entre estudantes com IS sugere que a exaustão emocional e acadêmica pode contribuir diretamente para pensamentos suicidas, especialmente quando associada a dificuldades interpessoais e à pressão do ambiente universitário. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Há associação significativa entre burnout e IS em universitários revelando interação significativa entre as variáveis envolvidas. **DESCRITORES:** Esgotamento do Estudante; Saúde mental; Ensino superior.

#### REFERÊNCIAS

Andrade GF, Menolli PVS, Clemente PA, Mesas AE, Silva DC, Giroto E. Burnout



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

syndrome and consumption of alcohol and illicit substances in university students. *Paidéia* (Ribeirão Preto). 2021;31:e3134. doi:10.1590/1982-4327e3134. Available from:

<https://www.revistas.usp.br/paideia/article/view/198405>

Campos JADB, Carlotto MS, Marôco J. Copenhagen burnout Inventory - versão para estudantes: adaptação e validação transcultural para Portugal e Brasil. *Psicol Reflex Crít*. 2013;26:87–97. Available from:

<https://www.scielo.br/j/prc/a/FwPMLj7WGdFjFyBdrgDvFRw/abstract/?lang=en>

Freudenberger HJ. Staff burn-out. *J Soc Issues*. 1974;30(1):159–65. doi:10.1111/j.1540-4560.1974.tb00706.x

Kaggwa MM, Kajjimu J, Sserunkuma J, Najjuka SM, Atim LM, Olum R, et al. Prevalence of burnout among university students in low- and middle-income countries: a systematic review and meta-analysis. *PLoS One*. 2021;16(8):e0256402.

doi:10.1371/journal.pone.0256402. Available from:

<https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0256402>

Karyotaki E, Cuijpers P, Albor Y, Alonso J, Auerbach RP, Bantjes J, et al. Sources of stress and their associations with mental disorders among college students: results of the World Health Organization World Mental Health Surveys International College Student Initiative. *Front Psychol*. 2020;11:1759. doi:10.3389/fpsyg.2020.01759. Available from:

<https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2020.01759>

Kristensen TS, Borritz M, Villadsen E, Christensen KB. The Copenhagen burnout inventory: a new tool for the assessment of burnout. *Work Stress*. 2005;19(3):192–207.

Available from: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02678370500297720>

Maslach C, Jackson SE, Leiter MP. Maslach burnout inventory: third edition. In: *Evaluating stress: a book of resources*. Lanham (MD): Scarecrow Education; 1997. p. 191–218.

Maslach C, Schaufeli WB, Leiter MP. Job burnout. *Annu Rev Psychol*. 2001;52:397–422. doi:10.1146/annurev.psych.52.1.397

World Health Organization. *Live life: an implementation guide for suicide prevention in countries* [Internet]. Geneva: World Health Organization; 2021 [cited 2022 Nov 28].

Available from: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/341726>

World Health Organization. *World mental health report: transforming mental health for all* [Internet]. Geneva: World Health Organization; 2022 [cited 2022 Nov 16]. Available from:

<https://www.who.int/publications/i/item/9789240049338>

World Health Organization. *Global Health Estimates 2019: deaths by cause, age, sex, by country and by region, 2000–2019* [Internet]. Geneva: World Health Organization; 2020 [cited 2022 Nov 28]. Available from: <https://www.who.int/data/gho/data/themes/mortality-and-global-health-estimates/gho-leading-causes-of-death>

World Health Organization. *Suicide* [Internet]. Geneva: World Health Organization; [cited 2022 Nov 1]. Available from: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/suicide>



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

### ENTRE O BIOLÓGICO E O SOCIAL: A OBESIDADE NA ADOLESCÊNCIA FEMININA NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA RECENTES

Felipe Paduan de Souza<sup>1</sup>, Gabriela Venancio Rosolen<sup>2</sup>, Mariana Elise Santa Rosa<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Psicólogo. Centro Universitário Filadélfia.

<sup>2</sup>Psicóloga. Universidade Estadual de Londrina.

<sup>3</sup>Psicóloga. Especialista em Saúde Mental pela Universidade Estadual de Londrina.

**INTRODUÇÃO:** A obesidade na adolescência feminina, sob a perspectiva da Psicologia Social, ultrapassa o modelo biomédico, sendo atravessada por normas culturais, relações de poder e processos identitários que moldam a percepção do corpo<sup>1</sup>. Nesse contexto, padrões estéticos e desigualdades sociais influenciam a experiência corporal e a construção da identidade, frequentemente associando o corpo magro a valor social e o corpo gordo a desvio. **OBJETIVO:** Investigar como a literatura científica aborda a obesidade na adolescência feminina, com ênfase nas dimensões psicossociais, emocionais e de percepção corporal. **MÉTODO:** Revisão integrativa realizada no Portal de Periódicos CAPES com os descritores “obesidade” e “adolescência”, no período de 2020–2025. Foram identificados 103 estudos e selecionados 13 após leitura dos resumos, considerando a experiência feminina<sup>2–13</sup>. **RESULTADOS:** Predominaram estudos com enfoque biomédico, centrados em riscos metabólicos, avaliação nutricional e fatores de risco<sup>2,5,6,12,13</sup>. Menor número abordou percepção corporal, vínculos familiares, práticas alimentares e aspectos emocionais<sup>3,4,8,11</sup>. Estudos também destacam a importância do cuidado interdisciplinar e do contexto social na atenção ao adolescente<sup>7,9,10</sup>. **DISCUSSÃO:** Embora reconhecida como problema de saúde pública, a obesidade é majoritariamente tratada de forma biologicista. A centralidade do corpo na adolescência, associada à pressão estética, intensifica sofrimento psíquico, estigmatização e autocrítica<sup>1,8,11</sup>. A ênfase na responsabilização individual tende a invisibilizar determinantes sociais e culturais, limitando a compreensão do fenômeno e das possibilidades de cuidado. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A obesidade na adolescência feminina configura-se como fenômeno psicossocial complexo. Destaca-se a necessidade de abordagens interdisciplinares que integrem dimensões biológicas e subjetivas, além de estratégias de enfrentamento ao estigma e promoção da diversidade corporal. **DESCRITORES:** Obesidade, Adolescente, Imagem Corporal, Saúde Mental, Fatores Psicossociais

#### REFERÊNCIAS

- 1 Poulain JP. Sociologia da obesidade. São Paulo: Senac; 2013.
- 2 Tavares SMG, Vieira DC, Bastos de Paula SH, Figueiredo RM, Goroso DG. Percepção corporal em pré-adolescentes e adolescentes com sobrepeso e obesidade: uma análise junguiana. *Psico* (Porto Alegre). 2020;51(4):1–13.
- 3 Teens are hungry for what? Determinants of food choice. *Research, Society and Development*. 2021;10(9):e6610917733. doi:10.33448/rsd-v10i9.17733.
- 4 Souza JJ, Cordeiro K, Grossi-Milani R, Greinert BRM. Vínculos familiares e obesidade na adolescência: um estudo de caso. *Enciclopédia Biosfera* [Internet]. 2021;18(38):82–95. doi:10.18677/EnciBio\_2021D47.
- 5 Neves SC, Rodrigues LM, Bento PAS de S S, Minayo MCS. Os fatores de risco envolvidos na obesidade no adolescente: uma revisão integrativa. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2021;26(Suppl 3):4871–4884. doi:10.1590/1413-812320212611.3.30852019.
- 6 Nascimento MB do, Porto MJ de J, Souza JP de, Guerra MFSS de S, Araujo AMB, Andrade WB de, Santana WNB de, Santos GP, Santana AF de, Silva SRS. Adolescent



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

obesity: a profile currently outlined through narrative review. *Research, Society and Development*. 2021;10(1):e26710111857. doi:10.33448/rsd-v10i1.11857.

7 Oliveira VR de, Oliveira JSA de, Xavier BL de Q, Moraes JB de S, Araújo JIF de, Soares A, Freitas CHS de M. O cuidar do adolescente com obesidade na atenção primária à saúde: perspectivas de gestores e profissionais. *Cogitare Enfermagem*. 2024;29:e92118. doi:10.1590/ce.v29i0.92118.

8 Oliveira RC. Obesidade adolescente: emoções e cuidado no processo de reconstrução corporal/emocional e de trabalho sobre si. *Civitas: Revista de Ciências Sociais*. 2024;24:1–12.

9 Souza da Silva D, Schröder NT, Gedrat DC. Ações interdisciplinares na atenção integral ao adolescente: uma revisão literária. *Saúde e Desenvolvimento Humano*. 2023;11(3):1–11. doi:10.18316/sdh.v11i3.9723.

10 Andrade EA, Silva RCL, Santos MB, Oliveira TPF, Souza LM. A relação entre a obesidade em adolescentes e o contexto pós-pandemia: uma revisão integrativa. *Brazilian Journal of Health Review*. 2024;7(9):1–18. doi:10.34119/bjhrv7n9-228.

11 Alencar ALS, Matozinho DVP, Oliveira AA, Oliveira H, Braga T. Os efeitos da obesidade na saúde mental de crianças e adolescentes. *Brazilian Journal of Health Review*. 2024;7(10):01–03.

12 Lourenço AEP, Monteiro LS, Viganor JT, Sperandio N, Pontes PV, Rodrigues PRM. Utilização da razão cintura-estatura na avaliação nutricional na primeira fase da adolescência. *Demetra: Alimentação, Nutrição & Saúde*. 2023;18:e69325.

13 Silva AL da, Andrade JVX de, Pucci SHM. Fatores de risco da obesidade na adolescência: pré e “pós” pandemia. *Rev Ibero-Am Hum Ciênc Educ*. 2022;8(6):1250–1262. doi:10.51891/rease.v8i6.6054.



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

### PUBERDADE PRECOCE: UMA ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES SOBRE INTERVENÇÕES PSICOLÓGICAS NESSE CONTEXTO

Franilson Gugelmim dos Santos<sup>1</sup>  
Lucas Barbosa Namur<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Norte do Paraná - UNOPAR  
[fra7.gs@gmail.com](mailto:fra7.gs@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Estadual de Londrina - UEL  
[lucasbarbosapsi@gmail.com](mailto:lucasbarbosapsi@gmail.com)

**INTRODUÇÃO:** A puberdade precoce é a antecipação das transformações físicas e hormonais da adolescência, impactando o desenvolvimento psicológico e social da criança. Este trabalho tem objetivo de investigar a produção científica da Psicologia com foco nas abordagens de cuidado e intervenção psicológica. **METODO:** A pesquisa foi realizada por meio de revisão de literatura narrativa nas bases de dados Portal CAPES e Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), utilizando as combinações de descritores “puberdade precoce AND psicologia” e “puberdade precoce AND intervenção psicológica”, identificando 19 trabalhos. Após aplicação dos critérios de exclusão, permaneceram apenas 2 estudos para análise. **RESULTADOS:** Os resultados evidenciam escassez de pesquisas na área da Psicologia, a maioria das produções científicas se concentra em aspectos médicos, endocrinológicos ou biológicos, com pouca ênfase nos impactos emocionais, sociais e comportamentais vivenciados por essas crianças. **DISCUSSÃO:** A puberdade é precoce quando inicia antes dos 8 anos nas meninas e 9 nos meninos, classificada como central na ativação do eixo hormonal responsável pelo desenvolvimento sexual (gonadotrófico) e idiopática quando não há alterações no sistema nervoso central. O tratamento é com análogos do GnRH, estabilizando a produção hormonal e desacelerando o crescimento e a maturação óssea. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A produção acadêmica da Psicologia sobre o tema é incipiente, com lacunas significativas na investigação de estratégias de avaliação e intervenção psicológica, sendo essencial ampliar pesquisas e subsidiar práticas eficazes que contribuam para o bem-estar emocional e social de crianças e famílias nessa condição. **Descritores:** puberdade precoce; psicologia; intervenção psicológica; desenvolvimento infantil.

#### REFERÊNCIAS

Menk TAS. Avaliação psicológica de meninas com puberdade precoce central idiopática antes e durante o bloqueio puberal com análogos de GnRH [doi:10.11606/D.5.2016.tde-13012016-101501]. Dissertação de Mestrado em Endocrinologia. São Paulo: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, 2015.

Camargo LBN. Fatores determinantes da altura em meninas com puberdade precoce central idiopática tratadas com análogo do GnRh. 2006. 63f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas, Campinas, SP. Disponível em: 20.500.12733/1603664.



# ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

## ANEXOS

Tabela 1: Publicações encontradas nas bases de dados com acesso aberto e em língua portuguesa

Descritores	BDTD	Portal CAPES	TOTAL
Puberdade precoce AND Psicologia	12	4	16
Puberdade precoce AND Intervenção psicológica	3	0	3
<b>TOTAL</b>	15	4	<b>19</b>

Fonte: Os autores.

Tabela 2: Publicações após aplicação do critério de exclusão

Descritores	BDTD	Portal CAPES	TOTAL
Puberdade precoce AND Psicologia	2	0	2
Puberdade precoce AND Intervenção psicológica	0	0	0
<b>TOTAL</b>	2	0	<b>2</b>

Fonte: Os autores.



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

### PRECEPTORIA MULTIPROFISSIONAL EM HOSPITAL ESCOLA: IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL FRENTE À SOBRECARGA ASSISTENCIAL

Hilton Aparecido Santos<sup>1</sup>  
Thiago Ferreira de Almeida<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Discente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI) Universidade Estadual de Londrina - UEL e Psicólogo/Preceptor do HC-FAMEMA/SP. E-mail: hilton.aparecido@uel.br

<sup>2</sup>Discente do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Saúde da Faculdade de Medicina de Marília – Famema e Fisioterapeuta/Preceptor do HC-FAMEMA/SP. E-mail: thiagofa10@gmail.com

**INTRODUÇÃO:** A residência multiprofissional em saúde é reconhecida como estratégia potente para a formação em serviço, ao integrar ensino, pesquisa e assistência. A preceptoria multiprofissional em hospitais escola constitui um pilar essencial para a formação em saúde, especialmente em cenários de alta complexidade. Entretanto, a concomitância entre atividades assistenciais e educativas pode gerar sobrecarga laboral e impactar negativamente a saúde mental dos preceptores. **OBJETIVO:** Relatar a experiência de atuação de preceptores multiprofissionais em hospital escola de alta complexidade, com ênfase nos desafios relacionados à carga de trabalho e suas repercussões psicológicas. **MÉTODO:** Trata-se de um relato de experiência desenvolvido em unidades hospitalares, incluindo pronto socorro, enfermarias, terapia intensiva e centro cirúrgico, envolvendo a supervisão de residentes multiprofissionais de diferentes áreas da saúde. **RESULTADOS:** Observou-se que a ausência de estrutura formal para preceptoria, associada à alta demanda assistencial, contribui para estresse, exaustão e aumento de riscos psicossociais. **Discussão:** Estratégias como organização do processo de ensino, priorização de atividades educativas e momentos de estruturação educacional mostraram-se importantes para minimizar esses impactos. **CONSIDERAÇÃO FINAIS:** Conclui-se que a preceptoria multiprofissional é fundamental para a formação em saúde dos estudantes envolvidos, porém requer suporte institucional, reconhecimento e adequação da carga de trabalho para o profissional preceptor com a finalidade de assegurar a saúde mental dos profissionais envolvidos e a garantia de um ambiente favorável no processo de ensino-aprendizagem. **DESCRITORES:** Preceptoria; Saúde mental; Equipe multiprofissional.

#### REFERÊNCIAS

Brasil. Ministério da Saúde. Residência multiprofissional em saúde: experiências, avanços e desafios. Brasília: Ministério da Saúde; 2006.

Brasil. Ministério da Educação. Comissão Nacional de Residência Multiprofissional em Saúde (CNRMS): resoluções e diretrizes. Brasília: Ministério da Educação; 2012.

Brasil. Ministério da Saúde. Política Nacional de Educação Permanente em Saúde. Brasília: Ministério da Saúde; 2018.

Frenk J, Chen L, Bhutta ZA, Cohen J, Crisp N, Evans T, et al. Health professionals for a new century: transforming education to strengthen health systems. *Lancet*. 2010;376(9756):1923-58.



## ANAIIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

### PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL NA TERCEIRA IDADE: RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DE OFICINAS PSICOEDUCATIVAS

Jaqueline Kauane Grecco

Discente do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina.

**INTRODUÇÃO:** O presente relato se refere à experiência de estágio obrigatório realizada por estudantes de psicologia do quarto e quinto ano da Universidade Estadual de Londrina em um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), mais especificamente no Centro de Convivência da Pessoa Idosa (CCI), localizado na zona Oeste de Londrina/PR. **OBJETIVO:** Realizar uma oficina de saúde mental com idosos usuários do serviço em questão. **MÉTODO:** A oficina, de caráter psicoeducativo, ancorou sua prática dentro da perspectiva da Psicologia Escolar em contextos de educação não formal, sob base teórico-epistemológica da Psicologia Histórico Cultural. A oficina teve como proposta trazer reflexões e ensinamentos para os usuários sobre o que é saúde mental, e como ela se relaciona com o bem-estar, com a autonomia e com a qualidade de vida dos sujeitos, dando ênfase na importância fundamental da prevenção ao falar deste tema<sup>1</sup>. Inicialmente, foi realizada a divulgação da oficina por meio de mídias digitais e folders informativos, a fim de apresentar a proposta e convidar os usuários do serviço a participarem. Posteriormente, os idosos se inscreveram de acordo com o interesse pela temática. Foram realizadas 25 inscrições através de entrevistas preliminares individuais. Posteriormente, foram planejados sete encontros com os temas: Introdução à saúde mental; Ansiedade e distúrbios do sono; Depressão e suicídio; Luto; Dor crônica; Relacionamentos interpessoais; Revisão e encerramento das atividades. Todos os encontros foram realizados com estratégias dialógicas, valorizando a escuta, a participação e os saberes prévios dos idosos, divididos em uma parte teórico-expositiva e uma parte prática, com uso de slides e vídeos ilustrativos durante os momentos teóricos, e dinâmicas grupais e atividades manuais conjuntas nos momentos práticos. Os encontros foram coordenados por um total de quatro estagiários divididos em duplas e contaram com a presença de 18 usuários, de 65 a 86 anos. **RESULTADOS e DISCUSSÃO:** Houve evidência do fortalecimento de vínculos entre participantes e estagiários, a ampliação das redes de apoio e sociabilidade, bem como a criação de um espaço seguro para o compartilhamento de vivências pessoais. Observou-se, ainda, o engajamento progressivo do grupo ao longo dos encontros, evidenciado pelo aumento no número de participantes e pela participação mais ativa nas discussões propostas. As atividades possibilitaram a construção e ressignificação de sentidos acerca de temas sensíveis, como sofrimento psíquico, perdas, relações interpessoais e estratégias de cuidado. Destaca-se, nesse processo, a relevância do SCFV como espaço potencializador de práticas preventivas e promotoras de saúde mental na terceira idade, contribuindo para o fortalecimento da autonomia, do pertencimento social e da qualidade de vida dos idosos participantes<sup>2</sup>. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Como principais desafios, destacaram-se as incertezas institucionais decorrentes de possíveis mudanças administrativas na política de assistência social do município, que impactaram o planejamento e a continuidade das atividades. Ainda assim, a experiência reafirma a importância de intervenções psicoeducativas em contextos comunitários, evidenciando seu potencial na promoção da saúde mental e no fortalecimento de vínculos na velhice. **DESCRITORES:** oficinas protegidas, educação de pacientes como assunto, saúde mental, saúde do idoso.



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

### REFERÊNCIAS

- 1 Almeida Filho N, Coelho MTÁ, Peres MFT. O conceito de saúde mental. Rev USP. 1999;(43):100-125.
- 2 Ministério da Cidadania; Ministério do Desenvolvimento Social. Perguntas frequentes: Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) [Internet]. Brasília: Ministério da Cidadania; 2022 [acesso em 2026 fev 27]. Disponível em: [https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/suas/publicacoes/perguntas\\_frequentes\\_SCFV\\_2022.pdf](https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/suas/publicacoes/perguntas_frequentes_SCFV_2022.pdf)



## VIOLÊNCIA PATRIMONIAL CONTRA MULHERES: UM RELATO DE PESQUISA SOBRE SAÚDE MENTAL E VULNERABILIDADE

Karla Marileide Martins Medeiros<sup>1</sup>  
Eneida Silveira Santiago<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina.

<sup>2</sup>Docente do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina.

**INTRODUÇÃO:** A violência contra a mulher constitui-se como um processo histórico, atravessado por relações de gênero, poder e desigualdade, que incidem diretamente sobre a subjetividade feminina e produzem condições de vulnerabilidade social e psicológica. Nesse sentido, a compreensão do “ser mulher” não se limita a uma condição biológica determinada pelo sexo, mas resulta de processos sociais, culturais, psicológicos e jurídicos que organizam expectativas, papéis e modos de subjetivação. Tais processos estruturam um sistema patriarcal que, historicamente, posiciona as mulheres em relações desiguais de poder, colocando-as em condição de subordinação. Dessa forma, a violência de gênero pode ser compreendida como expressão desse sistema patriarcal, que se manifesta de diferentes formas: violência física, psicológica, sexual, moral e patrimonial. **OBJETIVO:** Neste contexto, este estudo discute a noção de violência patrimonial contra mulheres a partir de uma perspectiva de gênero, bem como analisar seus possíveis desdobramentos subjetivos e as dinâmicas de gênero que contribuem para a vulnerabilização feminina. A violência patrimonial caracteriza-se pela retenção, subtração, destruição ou controle de recursos financeiros diversos da mulher, comprometendo sua autonomia e saúde mental, sendo, frequentemente, naturalizada ou invisibilizada em relações afetivas e familiares. **MÉTODO:** Assim, este estudo reflete tal fenômeno através de uma análise qualitativa exploratória. Utiliza-se como material empírico narrativas públicas de mulheres, disponíveis na plataforma *YouTube*, em que relatam experiências de violência patrimonial. São considerados dois casos, de mulheres públicas, com ampla repercussão midiática a fim de compreender como essa forma de violência se manifesta, seus impactos subjetivos e o papel da mídia na circulação desses relatos. A análise será orientada por operadores conceituais de Butler (dispositivo e performance de gênero) e Foucault (discurso e poder) e outros autores de gênero. **RESULTADOS e DISCUSSÃO:** Espera-se que os resultados contribuam para evidenciar a violência patrimonial como um fator de impacto na saúde mental das mulheres. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Além disso, o estudo pretende contribuir para ampliar a visibilidade da violência patrimonial, ainda pouco explorada na literatura psicológica, bem como fomentar reflexões no campo da saúde mental e subsidiar a formulação de políticas públicas voltadas à proteção e ao cuidado de mulheres em situação de vulnerabilidade. **DESCRITORES:** Violência patrimonial; Violência de gênero; Mulheres; Saúde mental; Vulnerabilidade.

### REFERÊNCIAS:

Brasil. Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília (DF): Presidência da República; 2006 [citado em 19 fev 2026]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm)

Scott J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Louro GL, tradutora. Educ Realidade. 1995;20(2):71-9. [citado em 19 fev 2026]. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>

Zanello V. Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris; 2018.



## MÃES DE GÊMEOS PREMATUROS: A ESCUTA PSICANALÍTICA NA UTI NEONATAL

Larissa Osete Souza<sup>1</sup>

Maria Elizabeth Barreto Tavares dos Reis<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina.

<sup>2</sup>Docente do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina.

**INTRODUÇÃO** A constituição da parentalidade em gestações gemelares implica o cuidado simultâneo de dois bebês por vezes fisicamente semelhantes, exigindo, contudo, o reconhecimento da singularidade de cada um. A prematuridade e a internação em Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN) intensificam tais dificuldades, favorecendo entraves na vinculação materno-infantil devido à baixa responsividade do bebê prematuro, à mediação constante dos profissionais de saúde e ao risco de óbito, que podem comprometer o investimento afetivo. O estudo objetivou compreender as vivências afetivas de mães de gêmeos internados em UTIN, visando subsidiar intervenções psicológicas sensíveis às especificidades dessa relação. **MÉTODO** Utilizou-se o método de construção de fatos clínicos psicanalíticos. Participaram quatro mães de gêmeos prematuros internados na UTIN do Hospital Universitário da Universidade Estadual de Londrina, que foram atendidas em psicoterapia psicanalítica breve, em contexto hospitalar e remoto. A coleta de dados foi realizada a partir da leitura dos relatórios de atendimento clínico. A partir da qual procedeu-se a identificação, validação e análise dos fatos clínicos detectados, os quais foram analisados a partir de fundamentos da psicanálise. Assim, procedeu-se a construção de fatos clínicos psicanalíticos, que posteriormente foram organizados em categorias temáticas. **RESULTADOS** Um dos temas que se destacou foi a vivência do luto, referente ao nascimento prematuro dos bebês, à perda de um dos gêmeos ou de ambos. **DISCUSSÃO** As mães relataram sofrimento associado à ruptura da gestação idealizada, à perda do bebê imaginário e à experiência traumática do parto prematuro. Emergiram ansiedades persecutórias, fantasias de morte e sentimentos de incapacidade materna. A escuta psicanalítica possibilitou a simbolização das angústias e favoreceu movimentos de investimento afetivo nos bebês, contribuindo para a diferenciação subjetiva de cada filho. Os achados corroboram com a literatura psicanalítica sobre o ciclo gravídico puerperal<sup>1</sup> ao indicar que a gemelaridade e a prematuridade intensificam conflitos dessa fase, marcados por sentimentos de impotência e pelo atravessamento dos cuidados hospitalares. Observam-se mecanismos de defesa primitivos, como cisão e projeção, diante das ansiedades persecutórias mobilizadas pela internação e, por vezes, pelo óbito de um de ambos os bebês, sendo a equipe de saúde alvo de projeções maciças. Na intervenção psicológica, coube à psicoterapeuta pesquisadora exercer a função de *rêverie*, percebendo e devolvendo de modo tolerável os conteúdos emocionais nela depositados.<sup>2</sup> **CONSIDERAÇÕES FINAIS** A maternidade de gêmeos prematuros configura-se como uma experiência de intensa elaboração, exigindo intervenções sensíveis às suas especificidades. A escuta psicanalítica na UTIN pode contribuir para a elaboração de lutos, fortalecimento da função materna e prevenção de agravos à saúde materno-infantil. Ressalta-se a importância do psicólogo na equipe multiprofissional no contexto neonatal.

**DESCRIPTORIOS:** gemelaridade monozigótica, psicanálise, unidade de terapia intensiva neonatal.

### REFERÊNCIAS

1- Machado GMA, Nunes LDL, Aquino FDSB. Gestação e Desenvolvimento Inicial de



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

Gêmeos: Um Estudo a partir de Relatos Maternos. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. 2022 Jun 30;22(2):752–72.

2- Ribeiro M. A intuição psicanalítica e o devaneio: captando fatos ainda não sonhados. In: Ribeiro M., Cintra EMU. *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos: diálogos bionianos*. São Paulo: Blucher; 2023. p. 281–92.



## ANAIIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

### DESAFIOS EMOCIONAIS VIVENCIADOS POR EQUIPES DE GRUPOS TERAPÊUTICOS EM FORMAÇÃO

Lauriane F. Barboza

Aluna do curso de graduação em Psicologia da Universidade Estadual Paulista-UNESP/Assis.

**INTRODUÇÃO:** A relação transferencial entre equipes de coordenadores/analistas de grupos terapêuticos e pacientes é permeada de múltiplas identificações projetivas e sustentada na aliança terapêutica de forma cooperativa em prol de saúde mental. Na formação em Psicologia, as primeiras experiências clínicas com grupos tendem a mobilizar conteúdos na pessoa real do terapeuta, gerando identificações com as histórias dos pacientes. Logo, emergem sentimentos contratransferenciais que podem ser trabalhados em um espaço de supervisão suficientemente bom. **OBJETIVO:** Identificar os desafios emocionais vivenciados por equipes de grupos terapêuticos em formação. **MÉTODO:** Esta pesquisa qualitativa, de caráter exploratório-descritivo e de campo, orientada pela psicanálise e aprovada pelo Comitê de Ética (CAAE: 93313625.5.0000.5401), investigou os desafios emocionais enfrentados por sete estagiários e profissionais recém-formados em Psicologia. Utilizou-se de entrevistas semiestruturadas e os dados foram analisados pelo método apriorístico, fundamentado nos atributos do coordenador de grupos propostos por Zimerman e organizados por Andaló, com enfoque no equilíbrio emocional. **RESULTADOS e DISCUSSÃO:** Os resultados corroboram a relevância da contratransferência como elemento ativo na relação terapêutica, evidenciando que a subjetividade do terapeuta participa da Co construção do tratamento. Identificou-se que a aliança terapêutica entre membros da equipe antecede e sustenta a aliança com os pacientes, indicando que a qualidade ou não do cuidado oferecido está diretamente relacionada à coesão e à comunicação interna da equipe. O supervisor é fundamental à orientação técnica e sustentação das dinâmicas emocionais das equipes. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Há uma interdependência entre o cuidado de si, da equipe e dos pacientes, e essa prática favorece o desenvolvimento de competências técnicas específicas e evidencia o impacto das relações intra equipe no processo terapêutico. **DESCRITORES:** Dinâmica de grupo; transferência psicológica; teoria psicanalítica; psicologia clínica.

#### REFERÊNCIAS

- Andaló CSA. O papel de coordenador de grupos. *Psicol. USP.* 05/03/2001; 12(1): 135-152. doi: <https://doi.org/10.1590/s0103-65642001000100007>
- Bacaro RF, Reis MEBT, Gomes AKS. Sobre o Início do Tratamento: Emoções do Psicoterapeuta-Aprendiz na Clínica Psicanalítica. *Contextos Clín.* [internet] 05/10/2020; volume 13(2): 340-364. doi: 10.4013/ctc.2020.132.01
- Gomes FG. A Aliança Terapêutica e a Relação Real com o Terapeuta. In: Eizirik CL, Aguiar RW, Schestatsky SS. *Psicoterapia de orientação analítica.* 3ª ed. Porto Alegre: ArtMed; 2015. p.238-248
- Sei MB, Paiva MLSC. Grupo de supervisão em psicologia e a função de holding do supervisor. *Pef* [internet]. 31/08/2011. [data de acesso: 20/03/2026]. 2(1): 9-19. Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5&q=GRUPO+DE+SUPERVIS%C3%83O+EM+PSICOLOGIA+E+A+FUN%C3%87%C3%83O+DE+HOLDING+DO+SUPERVISOR&btnG=](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=GRUPO+DE+SUPERVIS%C3%83O+EM+PSICOLOGIA+E+A+FUN%C3%87%C3%83O+DE+HOLDING+DO+SUPERVISOR&btnG=)
- Yin, R. *Pesquisa qualitativa do início ao fim.* Porto Alegre: Grupo A; 2016.
- Zimerman DE, Osório LC. *Como Trabalhamos com Grupos.* 1ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1997.



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

### INTERNAÇÃO DE MULHERES POR USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS NO ESTADO DE SÃO PAULO

Laysa Cristine Oliveira Dias<sup>1</sup>; Leticia Gabriela Pagoti<sup>1</sup>; Ana Paula Moreira da Silva<sup>1</sup>; Marcela Aparecida Alvarez Ferraz<sup>1</sup>; Késsia Giovanna Bresque Azarias<sup>1</sup>; Emiliana Cristina Melo<sup>2</sup>; Ana Lúcia De Grandi<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Estadual do Norte do Paraná.

<sup>2</sup>Docente da Universidade Estadual do Norte do Paraná.

**INTRODUÇÃO:** Os distúrbios ocasionados pelo abuso de álcool e pelo uso de outras drogas têm se destacado como importante problema de saúde pública no Brasil e no Mundo<sup>(1)</sup>. Os padrões de consumo e os desfechos associados ao uso de álcool e outras drogas variam conforme a faixa etária, refletindo diferentes vulnerabilidades ao longo do ciclo de vida. **OBJETIVO:** Analisar o perfil etário e o principal diagnóstico (CID-10) de mulheres internadas por transtornos mentais e comportamentais relacionados ao uso de substâncias psicoativas no estado de São Paulo, no período de 2015 a 2024. **MÉTODO:** Estudo ecológico, transversal, com análise de série temporal<sup>(2)</sup>. Foram analisadas internações de mulheres no estado de São Paulo, entre 2015 e 2024, por transtornos mentais e comportamentais associados ao uso de substâncias psicoativas e seu diagnóstico. Os dados foram obtidos do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS), via DATASUS (TABNET), considerando sexo feminino, diagnóstico principal e período do estudo. Foram excluídos registros fora desses critérios. As variáveis analisadas incluíram faixa etária, raça/cor, diagnóstico e município. A população de referência foi obtida pelo IBGE (SIDRA). A análise foi realizada no software RStudio. **RESULTADOS:** A maior taxa de internações ocorreu entre mulheres de 25 a 59 anos (2.065,21/100 mil), com predominância de CID F19.2. A faixa de 20 a 24 anos apresentou a segunda maior taxa (326,56/100 mil), com destaque para CID F14.2 e F19.5. **DISCUSSÃO** As maiores taxas de internação entre mulheres adultas podem estar associadas a sobrecarga social e familiar e a ausência de suporte institucional, fatores que contribuem para o agravamento dos quadros clínicos<sup>(4)</sup>. Além disso, o estigma de gênero ainda presente nos serviços de saúde, especialmente relacionado ao papel materno, pode dificultar a busca por tratamento e favorecer a progressão do uso para formas mais graves<sup>(3)</sup>. Evidências indicam que em mulheres, transtornos psiquiátricos frequentemente possuem associação com o uso de substâncias, contribuindo para piores resultados clínicos, além da influência de situações de violência nesse contexto<sup>(3)</sup>. O início precoce do uso de substâncias entre adolescentes e jovens adultos evidencia fragilidades nas políticas de prevenção em saúde mental voltadas ao ambiente escolar. Estudos nacionais e internacionais indicam que meninas apresentam maiores índices de depressão, ansiedade e comportamentos autolesivos, frequentemente banalizados ou negligenciados no contexto familiar, escolar e nos serviços de saúde<sup>(5)</sup>. Esse cenário é confirmado através dos resultados, que mostram taxas significativas de internação entre adolescentes e jovens adultos, associadas principalmente ao início precoce do consumo e ao uso de múltiplas substâncias. Além disso, a adolescência feminina, frequentemente marcada por vivências de violência, abuso e invisibilidade emocional, demanda estratégias preventivas mais estruturadas, com escuta qualificada e ambientes seguros de acolhimento<sup>(6)</sup>. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Os resultados evidenciam um cenário marcado por desigualdades e vulnerabilidades no uso de substâncias entre mulheres, reforçando a necessidade de políticas públicas e estratégias de cuidado em saúde mental que considerem as especificidades etárias e os determinantes sociais, além da importância do enfrentamento do estigma de gênero para ampliar o acesso e a qualidade do cuidado. **Descritores:** Saúde



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

Pública; Saúde da Mulher; Saúde Mental; Internação Hospitalar; Transtornos Relacionados Ao Uso De Drogas.

### Referências:

- 1 Brasil. Ministério da Saúde. A política do Ministério da Saúde para a atenção integral a usuários de álcool e outras drogas. Brasília: Ministério da Saúde; 2003. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\\_atencao\\_alcool\\_drogas.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_atencao_alcool_drogas.pdf)
- 2 Almeida Filho N, Rouquayrol MZ. Introdução à epidemiologia. 4th ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2006.
- 3 Diehl A, Bosso RA, Pillon SC. Mulheres e dependência química: a importância do olhar para o gênero nos transtornos por uso de substâncias. Curitiba: CRV; 2023.
- 4 Creswell KG, Terry-McElrath YM, Patrick ME. Solitary alcohol use in adolescence predicts alcohol problems in adulthood: a 17-year longitudinal study in a large national sample of US high school students. *Drug Alcohol Depend.* 2022; 238:109552.
- 5 Fernandes BF, Russo LX, Bondezan KL. Relação entre saúde mental e uso de substâncias psicoativas em escolares. *Rev Bras Estud Popul.* 2022; 39:1-24.
- 6 Basedow LA, Kuitunen-Paul S, Roessner V, Golub Y. Traumatic events and substance use disorders in adolescents. *Front Psychiatry.* 2020; 11:559.



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

### RELATO DE EXPERIÊNCIA EM PROJETO EXTENSIONISTA: INTERAÇÃO BIOPSISSOCIAL E ECONÔMICA DE IMIGRANTES VENEZUELANOS NO BRASIL

Letícia Muller Duarte de Lima

Aluna do curso de Graduação em Psicologia da Faculdade Pequeno Príncipe.

**INTRODUÇÃO:** A crise na Venezuela provocou escassez e desigualdade, gerando intenso fluxo migratório para o Brasil, que se tornou o 5º destino mais procurado, especialmente via Roraima. Entre 2017 e junho de 2022, mais de 763 mil venezuelanos entraram no país e 301 mil solicitaram regularização; apenas em 2024, foram mais de 194,3 mil novos imigrantes<sup>1</sup>. Ao longo dos anos foram criados diversos tipos de programas voltados as necessidades dos imigrantes, como a ACNUR, Operação Acolhida e Médicos sem Fronteiras, mas apesar das políticas de acolhimento, muitos imigrantes chegam ao país sem documentação e permanecem em situação de vulnerabilidade, com acesso limitado a direitos e exposição à discriminação e xenofobia, evidenciando a necessidade de maior efetividade nas ações de assistência e integração<sup>3</sup>. **OBJETIVO:** O objetivo desse relato de experiência, desenvolvido em um projeto de extensão, é caracterizar os problemas biopsicossociais e econômicos enfrentados pelos imigrantes venezuelanos no processo de migração para o Brasil, juntamente com a identificação do recebimento de algum tipo de auxílio governamental ou institucional para a resolução desses problemas. **MÉTODO:** representando o Projeto de Extensão Universitária Migrantes, organizado pela Faculdades Pequeno Príncipe, foi realizado um relato de experiência, onde quatro estudantes participaram de um evento de uma OSC (Organização da Sociedade Civil) que oferecia orientação gratuita para regularização de documentos de imigrantes. Os acadêmicos conversaram com seis venezuelanos, sendo abordado tópicos como: dificuldades biopsicossociais e econômicas que enfrentam no processo de migração para o Brasil; se está sendo disponibilizado algum tipo de auxílio para esses problemas por parte do governo brasileiro ou alguma outra organização; quais os fatores dificultam o acesso dos imigrantes venezuelanos aos serviços de saúde no Brasil; e a sua compreensão e o acesso à Psicologia<sup>2</sup>. **RESULTADOS:** A partir dos diálogos realizados, foi identificado que os imigrantes vieram ao Brasil devido à crise em seu país, sendo uma das variáveis o acesso a saúde de qualidade. Segundo relato, não pretendem retornar a Venezuela. No Brasil, descreveram que tiveram dificuldades para trabalhar em suas áreas de formação, pouca procura à apoio psicológico e desafios de adaptação, embora tenham recebido auxílio com seus documentos e saúde física. **DISCUSSÃO:** os dados permitem identificar dificuldades na reinserção profissional, pois muitos imigrantes não conseguem atuar nas funções que exerciam em seu país<sup>4</sup>; desafios na adaptação cultural, obtenção de documentos e sofrimento com o preconceito; observou-se que esses fatores ampliam a vulnerabilidade social e econômica dos imigrantes e dificultam sua integração no Brasil; outra variável analisada é que, apesar do sofrimento vivenciado, há baixa procura de apoio psicológico entre pessoas venezuelanas, muitas vezes vista com estigma e substituída pelo suporte religioso<sup>5</sup>. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** este relato contribui para identificar e divulgar aos pesquisadores e autoridades as dificuldades vividas pelos imigrantes, estimulando o desenvolvimento de estudos e políticas públicas que atendam as necessidades dessa população. Dessa forma, além de oferecer apoio concreto às pessoas imigrantes, pode-se promover a redução do estigma e ampliar a acessibilidade da Psicologia no processo de acolhimento e inclusão. **DESCRITORES:** Imigração venezuelana, imigrantes, saúde mental, economia, falta de emprego



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

### REFERÊNCIAS

1. Brasil. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Brasil registra 194,3 mil novos migrantes em 2025. Ministério da Justiça e Segurança Pública [Internet]. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/noticias/brasil-registra-194-3-mil-novos-migrantes-em-2024>.
2. Góis, P.; Silva, J.C.J. (org.). Os venezuelanos entre a migração e o exílio. Tendências e estratégias (Jan-Jun/2021). Revista Brasileira de História & Ciências Sociais [Internet]. Furg.br. 2021; v.13 n.26 (2021). Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/issue/view/797>.
3. Milesi R, Coury P, Rovey J. Migração Venezuelana ao Brasil: discurso político e xenofobia no contexto atual. Rev. Aedos [Internet]. 11º de setembro de 2018;10(22):53-70. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/83376>.
4. Reinert N.J. Desemprego: Causas, Consequências e Possíveis Soluções. Revista de Ciências da Administração (CAD) [Internet]. Janeiro de 2001; 3(5): 45-48. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/8065>.
5. Xavier S; Klut C; Neto A; Ponte G; Melo C.J. O Estigma da Doença Mental: Que Caminho Percorremos? Revista Psilogos, revista do Serviço de Psiquiatria do Hospital Prof. Doutor Fernando Fonseca [Internet]. Dezembro de 2013; v.11 n. 2 (2013). Disponível em: <https://doi.org/10.25752/psi.4102>.



## ANAIIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

### INTERNAÇÕES DE MULHERES POR USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS NA RRAS 15: PERFIL ETÁRIO E DIAGNÓSTICO

Laysa Cristine Oliveira Dias<sup>1</sup>; Leticia Gabriela Pagoti<sup>1</sup>; Ana Paula Moreira da Silva<sup>1</sup>; Marcela Aparecida Alvarez Ferraz<sup>1</sup>; Késsia Giovanna Bresque Azarias<sup>1</sup>; Emiliana Cristina Melo<sup>2</sup>; Ana Lúcia De Grandi<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Estadual do Norte do Paraná.

<sup>2</sup>Docente da Universidade Estadual do Norte do Paraná.

**INTRODUÇÃO:** A configuração do consumo de substâncias psicoativas (SPAs) na população feminina tem se modificado, afetando diferentes faixas etárias e frequentemente resultando em internações hospitalares. Nesse contexto, a classificação de transtornos por uso de substâncias, segundo a CID-10, possibilita a identificação de padrões de uso e dependência, contribuindo para a formulação de políticas de prevenção e estratégias de tratamento mais eficazes. **OBJETIVO:** Descrever as internações de mulheres por uso de SPA na Rede Regional de Saúde 15 (RRAS 15) do Estado de São Paulo, segundo faixa etária e diagnóstico. **MÉTODO:** Estudo ecológico e descritivo que utilizou dados obtidos através do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS), por meio do portal do DATASUS. Foram incluídas na pesquisa todas as internações de mulheres ocorridas na RRAS 15, com diagnóstico principal classificado nos códigos F10 a F19 da CID-10. As internações foram agrupadas por faixa etária: crianças (0 a 12), adolescentes (13 a 19), jovens adultos (20 a 24), adultos (25 a 59) e idosos (60 >). A análise ocorreu através do software R Studio, utilizando-se de estatística descritiva. **RESULTADOS:** Os resultados evidenciam distribuição heterogênea das internações. As crianças possuem apenas quatro casos registrados. Entre adolescentes, há 619 ocorrências, destacando-se a dependência por uso de múltiplas drogas (F19.2), com 435 registros. Nos jovens adultos, temos 2.178 internações, sendo que, destes, 1.571 possuem CID F19.2. Entre os adultos, têm-se 13.476 internações, com 7.279 por dependência por uso de múltiplas drogas (F19.2) e 2.869 internações para a dependência por uso de álcool (F10.2). Os idosos contabilizam 472 casos, principalmente relacionados a dependência por uso de álcool, com 345 internações. No total, foram registradas 16.749 internações sendo o F19.2 o diagnóstico mais frequente em todas as faixas etárias, especialmente entre adultos e jovens adultos. **DISCUSSÃO:** No período analisado, a RRAS 15 concentrou importante demanda por internações relacionadas ao uso de substâncias psicoativas. Embora adolescentes e jovens adultos apresentem números relevantes, a maioria das internações ocorreu entre mulheres adultas, com predomínio dos diagnósticos F10.2 e F19.2. Esse cenário reflete padrões de consumo de risco e a complexidade da dependência, frequentemente associada à comorbidades clínicas e psiquiátricas, além de maior vulnerabilidade social, violência e acidentes. O maior impacto entre adultos pode estar relacionado ao acúmulo de exposição e à progressão do uso ao longo do tempo, sugerindo fragilidades nas estratégias de prevenção e intervenção precoce nas faixas etárias mais jovens. A baixa prevalência entre crianças e idosos indica padrões distintos de exposição, reforçando a necessidade de políticas públicas integradas e adaptadas às especificidades de cada fase do ciclo de vida. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Os resultados apontam que as internações por SPAs na RRAS 15 concentram-se principalmente entre mulheres adultas, com predomínio dos diagnósticos de dependência por uso de múltiplas drogas e álcool. Os achados evidenciam a necessidade de fortalecer estratégias de prevenção, detecção precoce e cuidado integral em saúde mental, com enfoque prioritário na população adulta, sem negligenciar ações específicas para as demais faixas etárias, que



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

podem contribuir para reduzir o consumo e evitar agravamentos. **DESCRITORES:** Transtornos relacionados ao uso de substâncias; Mulheres; Internação Hospitalar.

### Referências

Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Atenção à Saúde. *Guia de vigilância em saúde* [Internet]. 5ª ed. Brasília: Ministério da Saúde; 2021 [citado 2026 Fev 27]. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia\\_vigilancia\\_saude\\_5ed.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_vigilancia_saude_5ed.pdf).

Organização Mundial da Saúde. Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde: CID-10 [Internet]. 10ª rev. Genebra: Organização Mundial da Saúde; 1992 [citado 2026 Fev 26]. Disponível em: <https://cid10.com.br/%5Ecode>

Prefeitura do Município de São Paulo (BR). Secretaria Municipal da Saúde. Data alerta para o consumo de substâncias químicas [Internet]. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo; 2025 fev 20 [citado 2026 Fev 26]. Disponível em: <https://prefeitura.sp.gov.br/web/saude/w/data-alerta-para-o-consumo-de-subst%C3%A2ncias-qu%C3%ADmicas-1>



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

### A PSICANÁLISE DO SONHAR EM UM GRUPO BIONIANO

Lucas Taconi Lopes

[taconilopeslucas@gmail.com](mailto:taconilopeslucas@gmail.com)

Patrícia Rossi Carraro

[patricia.carraro@unifil.br](mailto:patricia.carraro@unifil.br)

**INTRODUÇÃO:** Desde o início da psicanálise freudiana, os sonhos ocupam lugar central na compreensão da vida psíquica. Em “A Interpretação dos Sonhos” (1900), Freud elabora a ideia do sonho ser uma das demonstrações de como o inconsciente pode se manifestar cotidianamente. Assim, Bion (1962) desenvolve uma nova perspectiva, em que o sonho estaria associado aos desdobramentos da função alfa, a qual é a transformação de impressões sensoriais em elementos alfa, sendo experiências que podem ser usadas para pensar e sonhar. Além disso, o sonho não se restringe ao dormir, passando a ser um processo contínuo de metabolização de experiências emocionais durante o dia. Bion, ainda mostra que pessoas que não conseguem sonhar sofrem de uma falha na função alfa, convertendo experiências em alucinações ou agindo (*acting out*), em vez de representá-las. Nesse sentido, justifica-se a importância deste relato de experiência como uma nova maneira de investigar os processos inconscientes do sonhar em grupo terapêutico, sendo este representado por um espaço de transformação psíquica. **OBJETIVO:** Compreender a dinâmica dos sonhos dentro de um grupo terapêutico e suas manifestações no processo de simbolização dos indivíduos. **METODOLOGIA:** Foram realizados cinco encontros quinzenais, com duração de 90 minutos, entre agosto e outubro de 2025, em uma instituição comunitária do interior do Paraná. O grupo contou com 10 participantes, de 20 a 55 anos, conduzido por acadêmico de Psicologia e supervisionado por docente psicóloga. As atividades grupais focaram na escuta ativa, incentivando a expressão criativa e o compartilhamento de vivências emocionais. A abordagem teórica de Bion foi a base para a condução dos encontros. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Os resultados revelaram que, ao longo das dinâmicas, o tema dos sonhos se mostrou recorrente, sobretudo a partir de um membro do grupo diagnosticado com transtorno de personalidade borderline, que relatava não conseguir sonhar. A partir de Bion (1962), compreende-se que o processo de sonhar está relacionado ao desenvolvimento da função alfa. Assim, os indivíduos que apresentam falhas nesta função podem manifestar dificuldades no processo de sonhar ou mesmo relatar a ausência de sonhos. Contudo, com o avanço do processo grupal e a partir da função continente exercida pelo terapeuta, a pessoa passa gradualmente a relatar uma maior frequência de sonhos, indicando possíveis movimentos de transformação psíquica e de simbolização das experiências emocionais. Para Bion (1966), a partir da função alfa, o sonhar se relaciona com a compreensão dos sintomas e da vida psíquica dos indivíduos, a partir de imagens mentais, as quais podem ser verbalizadas e transformadas em experiências. Dessa forma, o sonhar constitui um processo fundamental de simbolização, permitindo que conteúdos brutos sejam elaborados psiquicamente e integrados ao pensamento. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Nota-se que sonhar constitui um processo contínuo, intimamente relacionado ao desenvolvimento psíquico do indivíduo. Nessa perspectiva, o processo grupal pode funcionar como um espaço que favorece o sonhar, na medida em que proporciona condições para a elaboração e a simbolização das experiências emocionais, possibilitando que conteúdos antes não pensáveis possam ser transformados em elementos passíveis de pensamento. **DESCRIPTORIOS:** Psicanálise. Sonhos. Função alfa. Grupos terapêuticos. Wilfred Bion.



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

### REFERÊNCIA

Bion WR. O Aprender com a Experiência. Corrêa, PD, tradutor. Rio de Janeiro: Imago; 1962.

Bion WR. Os elementos da psicanálise. Salomão, J e Corrêa, PD, tradutores. Rio de Janeiro: Zahar; 1966.

Freud S. A interpretação dos sonhos (1900). Souza, PC, tradutor. São Paulo: Companhia das Letras; 2019.



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

### NASCIMENTOS DE GÊMEOS NA MATERNIDADE DO HU/UDEL

Luciana Bonis Rossigalli

Aluna do curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina.

**Introdução:** A gestação gemelar é considerada de alto risco, associada a maiores índices de prematuridade e complicações maternas, fatores que contribuem para o aumento da morbimortalidade perinatal<sup>1</sup>. Entre os fatores que classificam a gestação como de alto risco destacam-se síndromes hipertensivas, condições clínicas prévias e vulnerabilidades socioeconômicas<sup>2</sup>. O encaminhamento ao pré-natal de alto risco constitui estratégia fundamental para prevenir desfechos adversos e reduzir complicações no período perinatal<sup>3</sup>. A literatura também evidencia que a gestação de gêmeos mobiliza intensamente dimensões emocionais, sendo comuns: ambivalência afetiva, ansiedade e sobrecarga psíquica<sup>4</sup>. No puerpério, as demandas tendem a se intensificar diante do cuidado simultâneo a dois recém-nascidos, podendo repercutir na saúde mental materna e no vínculo inicial mãe-bebê<sup>5</sup>. Assim, investigar as condições de nascimento de gêmeos implica considerar suas possíveis repercussões psicoemocionais. O estudo objetivou identificar os nascimentos de gêmeos ocorridos na maternidade do Hospital Universitário da Universidade Estadual de Londrina, em 2024. **Metodologia:** Realizou-se uma pesquisa quanti-qualitativa, a partir de informações obtidas através do setor de Estatística do HU/UDEL, a qual faz parte de projeto maior aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UEL. Os dados coletados foram analisados e organizados em categorias. **Resultados:** Em 2024, ocorreram 43 partos gemelares. Idade gestacional: variou de 21 até 38 semanas, sendo 37 a mais predominante. Tipos de parto: 83,7% cesáreo; 16,3% vaginal. Características dos recém-nascidos: sexo - 47,7% masculino e 52,3% feminino; cor - 70,9% branca; 25,5% pardos; 3,4% pretos; condições de nascimento - 50% prematuros, 50% vivos a termo; peso 52,3% baixo peso; 25,5% peso insuficiente; 11,6% muito baixo peso; 4,6% peso ideal; 3,4% extremo baixo peso; e 2,3% acima de 4 quilogramas. **Discussão:** Nas gestações múltiplas, a prematuridade é frequente e, associada ao alto índice de complicações obstétricas, a qual pode afetar a confiança da gestante, intensificar a insegurança emocional e impactar a dinâmica familiar desde o pré-natal<sup>4</sup>. Os dados evidenciam número expressivo de nascimentos prematuros e de baixo peso, condição comum em gemelares<sup>5</sup>, que também pode repercutir na saúde mental das mães, ressaltando a importância de suporte emocional adequado. **Considerações Finais:** Os achados evidenciam elevada incidência de prematuridade e baixo peso ao nascer em partos gemelares, condições associadas a maior vulnerabilidade emocional materna. A pesquisa aponta a importância de ampliar investigações nessa área, que subsidiem estratégias de cuidado integral e de suporte psicológico às gestantes de gêmeos.

**DESCRITORES:** gemelaridade monozigótica, maternidade, indicadores estatísticos.

#### REFERÊNCIAS

1. Brasil. Ministério da Saúde. Manual de gestação de alto risco. Brasília: Ministério da Saúde; 2022.
2. Rolim NR, Rocha SS, Carvalho TS, Lima AL. Fatores que contribuem para a classificação da gestação de alto risco. Braz J Prod Eng. 2020;6(6):60-68.
3. Teodoro JAM, Aquino RS, Paltronieri MRLN. Analysis of patients referred for high-risk prenatal care. Res Soc Dev. 2022;11(13):e476111335482.
4. Machado GM, Nunes LD, Aquino FD. Gestação e desenvolvimento inicial de gêmeos: relatos maternos. Estud Pesqui Psicol. 2022;22(2):752-772.



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

5. Santos MF, Reis MEBT. Mães de gêmeos: vivências emocionais no puerpério mediato. Nat Hum. 2022;24(1):40-61.



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

### SERVIÇO DE CONVIVÊNCIA COMO DISPOSITIVO DE SAÚDE MENTAL NA VELHICE: OFICINA DE AUTOESTIMA E AUTOCONHECIMENTO

Mayara Yukari Ogata<sup>1</sup>; Maria Eduarda Fialho Roza<sup>1</sup>; Julia Mesquita<sup>1</sup>; Laura Canha Borgonha<sup>1</sup>; Valéria Queiroz Furtado<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Aluna do curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina.

<sup>2</sup>Professora do curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina.

**INTRODUÇÃO:** O presente trabalho relata a experiência de estágio em um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), com ênfase no diagnóstico, planejamento e aplicação de oficinas voltadas ao autoconhecimento e autoestima na terceira idade, fundamentadas na perspectiva sócio-histórica e orientadas à promoção do bem-estar e saúde mental. O envelhecimento populacional intensificou-se significativamente nas últimas décadas<sup>1</sup>, contudo, de forma desproporcional às políticas de proteção social dessa população emergente. Nesse contexto, fragilizam-se os vínculos afetivos pré-existentes e o sentimento de pertencimento social, expondo a população idosa a riscos individuais e sociais de violação de direitos.<sup>2</sup> Diante disso, o SCFV configura-se como um dispositivo estratégico da política de assistência social, ao promover espaços coletivos de convivência, fortalecimento de vínculos e valorização das trajetórias de vida.<sup>2</sup> **OBJETIVO:** Desenvolver oficinas de autoestima e autoconhecimento com idosos. **MÉTODO:** Alinhadas aos objetivos do SCFV, as oficinas foram desenvolvidas no Centro de Convivência de Idosos (CCI), localizado no bairro Novo Bandeirantes, em Cambé/PR. Inicialmente, foram realizadas entrevistas com colaboradores do serviço, as quais sustentaram um diagnóstico institucional, visando à compreensão de seu funcionamento, diretrizes e público atendido. Com base nesse levantamento, quatro estagiárias, discentes do quarto ano do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Londrina (UEL), planejaram e implementaram oficinas voltadas ao autoconhecimento e autoestima na terceira idade. Participaram das atividades aproximadamente 12 idosos, com faixa etária entre 60 e 81 anos, ao decorrer de nove encontros, proporcionalmente distribuídos entre as temáticas definidas. As intervenções, desenvolvidas entre setembro e novembro de 2025, fundamentaram-se em estratégias dialógicas e no uso de recursos lúdicos, dentre eles o bingo temático sobre autoconhecimento e o dia da beleza, favorecendo a participação ativa e o engajamento dos participantes. **RESULTADOS e DISCUSSÃO:** Os resultados evidenciaram a compreensão dos participantes acerca dos objetivos das oficinas e a apropriação das temáticas propostas, com o engajamento em processos de autorreflexão, especialmente em atividades que mobilizaram narrativas pessoais e imagens de diferentes etapas do ciclo vital. As discussões oportunizaram reflexões sobre identidade, subjetivação, perdas e transformações associadas ao envelhecimento, ressaltando a pertinência da abordagem de ambas as temáticas na velhice, tendo em vista a escassez de produções teóricas aplicadas sobre estas. Identificou-se, ainda, o CCI como espaço propício à construção de redes de apoio e fortalecimento de vínculos, tanto entre os idosos quanto com a equipe técnica, reafirmando o papel do serviço enquanto dispositivo de saúde e efetivação de direitos, ao garantir escuta qualificada, participação social e reconhecimento da pessoa idosa como sujeito de direitos. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Denota-se assim a eficiência da articulação entre os preceitos do SCFV e a oficina na promoção do bem-estar, ao favorecer espaços de escuta, expressão e ressignificação de experiências<sup>3</sup>, contribuindo para o fortalecimento da autoestima, pertencimento e construção de sentidos acerca do próprio envelhecimento, aspectos fundamentais para a manutenção da saúde mental na terceira idade, especialmente de pessoas idosas em situação de vulnerabilidade social. Como principais desafios,



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

destacaram-se as dificuldades na mediação de discursos moralizantes e temáticas sensíveis, evidenciando a complexidade de promover reflexões críticas que transcendem o contexto das oficinas e incidam no cotidiano dos idosos. **DESCRITORES:** saúde do idoso, oficinas protegidas, educação.

### REFERÊNCIAS

- 1 Papalia DE; Martorell G. Desenvolvimento humano. 14. ed. Porto Alegre: Artmed; 2022. 2146 p.
- 2 Leandro-França C, Murta SG. Prevenção e promoção da saúde mental no envelhecimento: conceitos e intervenções. *Psicol Cienc Prof.* 2014;34(2):318-329. doi: 10.1590/1982-3703001152013
- 3 Ministério da Cidadania; Ministério do Desenvolvimento Social. Perguntas frequentes: Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) [Internet]. Brasília: Ministério da Cidadania; 2022 [acesso em 2026 fev 25]. Disponível em: [https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/suas/publicacoes/perguntas\\_frequentes\\_SCFV\\_2022.pdf](https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/suas/publicacoes/perguntas_frequentes_SCFV_2022.pdf)



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

### FATORES ASSOCIADOS AO USO DE PSICOFÁRMACOS EM PROFESSORES DA REDE ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO PARANÁ

Naiara Lourenço Mari

Docente da Universidade Estadual do Norte do Paraná.

**INTRODUÇÃO:** O uso de psicofármacos tem apresentado crescimento expressivo nos últimos anos, refletindo mudanças no perfil epidemiológico da saúde mental e maior acesso a tratamentos farmacológicos. Entretanto, ainda há escassez de estudos que investiguem esse fenômeno especificamente em professores, uma população exposta a importantes fatores estressores ocupacionais. Assim, este estudo teve como objetivo avaliar a prevalência do uso de psicofármacos e seus fatores associados em professores da Rede Estadual de Educação do Paraná. **MÉTODO:** Trata-se de um estudo transversal de abordagem quantitativa, integrante do Projeto de Pesquisa BEM CUIDAR, desenvolvido em parceria com a Secretaria da Educação e do Esporte do Estado do Paraná (SEED). A coleta de dados ocorreu entre junho e julho de 2022, por meio de questionário estruturado online aplicado nos 32 Núcleos Regionais de Educação. Foram obtidas informações sociodemográficas e clínicas autorreferidas, incluindo o uso de medicamentos. O desfecho analisado foi o uso de psicofármacos, categorizado como presença ou ausência. **RESULTADOS:** Participaram do estudo 1654 professores que atenderam aos critérios de inclusão. Dentre eles, 593 (35,85%) relataram uso de ao menos um psicofármaco, sendo a maioria do sexo feminino (85,3%) e com mediana de idade de 48 anos. Na análise multivariada, as variáveis idade, sexo, tempo de atuação e presença de polifarmácia apresentaram baixo efeito sobre o desfecho (0,3%, 0,4%, 0,6% e 2,1%, respectivamente). Em contrapartida, a presença de ao menos um transtorno mental comum demonstrou forte contribuição (34%). Na regressão logística binária, os principais preditores para o uso de psicofármacos foram sexo feminino (OR: 1,61; IC: 1,09-2,38), idade (OR: 1,02; IC: 1,01-1,05), maior tempo de atuação na educação (OR: 1,03; IC: 1,01-1,05), autopercepção de saúde ruim ou muito ruim (OR: 2,12; IC: 1,36-3,36), presença de transtorno mental comum (OR: 25,94; IC: 18,33-36,72) e polifarmácia (OR: 3,24; IC: 1,95-5,36). **DISCUSSÃO:** Os achados evidenciam elevada prevalência do uso de psicofármacos entre professores, destacando-se a maior frequência entre mulheres, possivelmente relacionada a maior carga de sofrimento psíquico e maior busca por cuidados em saúde. A forte associação com transtornos mentais comuns reforça a relação direta entre adoecimento mental e uso desses medicamentos. Por outro lado, variáveis sociodemográficas e ocupacionais apresentaram menor impacto, sugerindo maior relevância dos fatores clínicos. A associação com autopercepção negativa de saúde e polifarmácia indica maior vulnerabilidade clínica e complexidade no manejo terapêutico. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Observou-se alta prevalência do uso de psicofármacos em professores da rede estadual do Paraná, superior à população geral, além da identificação de importantes preditores associados a esse uso. **DESCRITORES:** psicofarmacologia, professores escolares, análise de regressão.

#### REFERÊNCIAS:

- Agyapong B, Obuobi-Donkor G, Burbach L, Wei Y. Stress, burnout, anxiety and depression among teachers: a scoping review. *Int J Environ Res Public Health*. 2022;19(17):10706.
- Oliveira JRF, et al. Descrição do consumo de psicofármacos na atenção primária à saúde de Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. *Cad Saude Publica*. 2021;37:e00060520.
- Alvarenga R, Dias MK. Epidemia de drogas psiquiátricas: tipologias de uso na sociedade do cansaço. *Psicol Soc*. 2021;33:e237498.



# ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

## ARTIGOS



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

### MOMENTO PAUSA: ESTRATÉGIA DE HUMANIZAÇÃO E APOIO À EQUIPE APÓS O ÓBITO DO PACIENTE

<sup>1</sup>Lauany Oliveira Gaspar, <sup>2</sup>Flávio Marques Ventura da Silva, <sup>3</sup>Caroline Rafaela de Marques, <sup>4</sup>Viviane Batista Moreira, <sup>5</sup>Marcos Hirata Soares

<sup>1</sup>Mestranda do Programa de Pós-graduação em Enfermagem da UEL;

<sup>2</sup>Enfermeiro

<sup>3</sup>Mestre em Enfermagem pela UEL

<sup>4</sup>Psicóloga

<sup>5</sup>Professor do Programa de Pós-graduação em Enfermagem da UEL

#### RESUMO

**INTRODUÇÃO:** A morte é um evento frequente nos serviços de saúde, especialmente em unidades críticas, e pode gerar impactos emocionais significativos na equipe assistencial. Nesse contexto, estratégias de humanização e apoio aos profissionais tornam-se essenciais. O “Momento Pausa” (The Pause) consiste em uma prática breve realizada após o óbito de um paciente, na qual a equipe interrompe suas atividades por alguns instantes de silêncio e reflexão em respeito à vida que se encerrou e ao trabalho realizado pela equipe. **OBJETIVO:** Relatar a experiência da implementação do Momento Pausa na Unidade de Terapia Intensiva Adulto do Hospital universitário de Londrina (PR). **MÉTODO:** Trata-se de um relato de experiência de natureza descritiva, realizado no contexto assistencial hospitalar. A prática consiste em reunir a equipe presente após a confirmação do óbito e conduzir um breve momento de silêncio e reconhecimento da trajetória do paciente e do cuidado prestado. **RESULTADOS e DISCUSSÃO:** Observou-se que a estratégia contribuiu para fortalecer a humanização do cuidado, promover o reconhecimento do trabalho da equipe e favorecer espaços de reflexão sobre a morte no ambiente hospitalar. Além disso, a prática mostrou-se simples e com potencial de impacto positivo no bem-estar emocional dos profissionais. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** O Momento Pausa pode ser incorporado como uma estratégia de cuidado à equipe e de valorização da vida do paciente, contribuindo para a construção de ambientes assistenciais mais humanos e reflexivos. **DESCRITORES:** Morte; Humanização da Assistência; Equipe de Assistência ao Paciente; Profissionais de Saúde; Cuidados de Enfermagem.

#### INTRODUÇÃO

A morte constitui um evento inerente à prática em saúde, especialmente em contextos de alta complexidade, como unidades de terapia intensiva e serviços de emergência. Apesar de sua recorrência, o enfrentamento do morrer ainda representa um desafio significativo para profissionais de saúde, podendo desencadear sentimentos de frustração, impotência e desgaste emocional diante dos limites do cuidado.

Nesse cenário, destaca-se a importância de estratégias que promovam a humanização da assistência e o suporte emocional às equipes, frequentemente invisibilizados em rotinas marcadas por alta demanda técnica e pressão por resultados. Entre essas iniciativas, destaca-se o “Momento Pausa” (The Pause)<sup>1</sup>, prática desenvolvida pelo enfermeiro norte-americano Jonathan Bartels, em 2009.

A proposta consiste na realização de uma breve pausa após o óbito, permitindo que a equipe reconheça o significado daquele momento, homenageie a vida do paciente e reflita sobre o cuidado prestado<sup>1</sup>. Trata-se de um dispositivo simbólico que marca a transição entre a assistência e o encerramento do cuidado, promovendo também suporte emocional aos profissionais expostos repetidamente à morte no ambiente hospitalar<sup>2</sup>.

Além de favorecer a ressignificação da experiência do óbito, a prática dialoga com os princípios da humanização em saúde, ao reconhecer tanto o paciente quanto os profissionais como sujeitos do cuidado<sup>3</sup>. Além disso, a literatura aponta que profissionais de saúde podem vivenciar sofrimento emocional e ético diante de eventos críticos, fenômenos descritos como *second victim* e *moral distress*, especialmente em contextos de alta complexidade assistencial<sup>4–6</sup>.



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

Diante disso, este estudo tem como objetivo relatar a experiência de implementação do Momento Pausa em uma Unidade de Terapia Intensiva de um hospital universitário do norte do Paraná.

### CONTEXTO E DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O presente relato refere-se à implementação do Momento Pausa em uma Unidade de Terapia Intensiva adulto de um hospital universitário do norte do Paraná, referência para atendimento de pacientes críticos.

A iniciativa surgiu da necessidade de fortalecer práticas de humanização e criar espaços de reflexão para a equipe multiprofissional diante da ocorrência de óbitos. A proposta foi apresentada em reuniões e momentos educativos, envolvendo profissionais da enfermagem, medicina, psicologia, serviço social e fisioterapia que atuavam na rotina assistencial da unidade.

Após a confirmação do óbito e quando as condições assistenciais permitiam, a equipe presente reunia-se ao redor do leito. O enfermeiro conduzia o momento, realizando uma breve fala de reconhecimento da vida do paciente e do cuidado prestado, seguida de alguns segundos de silêncio.

Na adaptação local, foi utilizada uma mensagem padronizada, elaborada coletivamente pela equipe, com linguagem simples e respeitosa, permitindo sua aplicação em diferentes contextos clínicos. Familiares presentes eram convidados a participar, respeitando-se sua decisão.

Após o momento, a equipe retomava suas atividades e, quando necessário, seguia-se o acolhimento aos familiares com apoio da psicologia e enfermagem. A prática foi conduzida de forma flexível, respeitando o fluxo assistencial e a condição dos demais pacientes.

### REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO

Trata-se de um relato de experiência de natureza descritiva, abordagem amplamente utilizada na área da saúde para compartilhar práticas e refletir sobre intervenções no contexto assistencial.

A implementação do Momento Pausa fundamenta-se nos princípios da humanização da assistência e do cuidado centrado na pessoa, conforme preconizado pela Política Nacional de Humanização (HumanizaSUS)<sup>3</sup>. A prática também se alinha à proposta original descrita por Bartels<sup>2</sup>, que destaca seu potencial para promover fechamento simbólico do cuidado e apoio emocional à equipe.

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

A implementação do Momento Pausa revelou impactos positivos na equipe multiprofissional, especialmente no que se refere à humanização do cuidado e à elaboração do processo de morte. Observou-se maior sensibilização dos profissionais, favorecendo o reconhecimento do cuidado prestado e a valorização do trabalho em equipe. A prática configurou-se como um espaço simbólico de reflexão, permitindo ressignificar experiências frequentemente marcadas por sofrimento e desgaste emocional.

Esses achados podem ser compreendidos à luz do conceito de *second victim*, que descreve o sofrimento emocional de profissionais de saúde envolvidos em eventos críticos, incluindo o óbito de pacientes<sup>4,5</sup>. Nessa perspectiva, a equipe não apenas presta cuidado, mas também necessita ser cuidada, especialmente em contextos de alta exposição à morte.



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

Sentimentos como frustração, impotência e sofrimento psíquico podem emergir mesmo na ausência de erro assistencial, compondo um quadro de desgaste emocional acumulativo.

Além disso, essa experiência pode ser aprofundada a partir do conceito de *moral distress*, que se refere ao sofrimento vivenciado quando o profissional não consegue agir conforme aquilo que considera eticamente adequado, devido a limitações institucionais, organizacionais ou contextuais<sup>6</sup>. Em unidades de terapia intensiva, esse fenômeno é recorrente, especialmente em situações que envolvem limites terapêuticos e decisões complexas no processo de morrer.

Nesse sentido, o Momento Pausa pode ser compreendido como um dispositivo que atua na interface entre esses fenômenos, ao possibilitar a elaboração do sofrimento acumulado ao longo do cuidado e oferecer um espaço simbólico de reconhecimento e fechamento do processo assistencial. Ao interromper a rotina e legitimar a dimensão emocional do trabalho, a prática contribui para reduzir o acúmulo de sofrimento moral e favorecer a construção de sentidos compartilhados sobre a experiência do cuidar.

Adicionalmente, observou-se que a prática fortalece vínculos entre os profissionais e promove um senso coletivo de pertencimento, aspectos fundamentais para o enfrentamento do sofrimento ocupacional. Estratégias que favorecem a expressão emocional e o suporte entre pares são essenciais para a promoção da resiliência e prevenção do adoecimento mental em equipes de saúde.

A simplicidade da implementação, sem necessidade de recursos adicionais, amplia a aplicabilidade da estratégia em diferentes contextos assistenciais. Entretanto, desafios como resistência inicial de alguns profissionais e limitações relacionadas à dinâmica assistencial evidenciam a persistência de uma cultura institucional centrada na produtividade.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Momento Pausa mostrou-se uma estratégia simples, viável e significativa para promover a humanização do cuidado após o óbito.

Sua implementação contribui para o reconhecimento da vida do paciente, valorização da equipe e criação de espaços de reflexão no ambiente hospitalar. Embora exija sensibilização e adaptação à dinâmica institucional, apresenta potencial para ser incorporado como prática permanente de cuidado à equipe.

Iniciativas como essa reforçam a importância de promover ambientes assistenciais mais humanos, reflexivos e acolhedores.

### REFERÊNCIAS

1. Bartels J. The Pause: honoring the patient after death. 2015.
2. Bartels J. The Pause: pausing after death as a means to offer closure. 2015.
3. Ministério da Saúde (BR). Política Nacional de Humanização: HumanizaSUS.
4. Wu AW. Medical error: the second victim. *BMJ*. 2000;320(7237):726–7.
5. Seys D, Scott S, Wu A, Van Gerven E, Vleugels A, Euwema M, et al. Supporting involved health care professionals (second victims). *Int J Nurs Stud*. 2013;50(5):678–87.
6. Aljabery M, Coetzee-Prinsloo I, van der Wath A, Al-Hmairat N. Characteristics of moral distress from nurses' perspectives. *Int J Nurs Sci*. 2024;11(5):578–585.



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

### MAPEANDO AFETOS: GRUPO DE APOIO PSICOLÓGICO A CRIANÇAS EM SERVIÇO-ESCOLA

<sup>1</sup>Lucas Silva Rosilho, <sup>2</sup>Lauriane Ferreira Barboza, <sup>3</sup>Ananda Kenney da Cunha Nascimento

<sup>1</sup>Graduando em Psicologia da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis

<sup>2</sup>Graduanda em Psicologia da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis

<sup>3</sup>Psicóloga/Professora Assistente Doutora; Departamento de Psicologia Clínica da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis

#### RESUMO

**INTRODUÇÃO:** O grupo com crianças consiste em ofertar um espaço de socialização que ajude no desenvolvimento da personalidade, ao passo que a criança cria um processo de identificação com o grupo enquanto totalidade. Este trabalho consiste no relato de experiência de uma prática com grupo operativo (GO) para acolhimento psicológico de crianças (de 9 a 11 anos) no Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada "Dr<sup>a</sup> Betti Katzenstein" (CPPA), da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, câmpus de Assis. **OBJETIVO:** Trabalhar aspectos socioemocionais para que, no espaço grupal, as crianças usufruam de um ambiente de cuidado, de modo a possibilitar que elas expressem ansiedades diante dos desafios enfrentados, de modo a almejar a saúde integral desde a infância até a vida adulta. **MÉTODO:** Para realização deste trabalho, utilizou-se a metodologia do GO com finalidade terapêutica, a fim de melhorar a qualidade de vida dos sujeitos envolvidos. A equipe de coordenação composta por coordenador, cocoordenador e observador adotou como manejo clínico grupal a técnica do brincar, incluindo recursos arteterapêuticos e jogos, possibilitando que conteúdos, por vezes conflituosos e de intenso sofrimento, pudessem vir à tona. **RESULTADOS e DISCUSSÃO:** Neste contexto, o grupo se tornou um espaço privilegiado para as crianças poderem fazer a identificação e experimentação de emoções que as atravessam no cotidiano. Esse espaço propiciou aos participantes aprenderem a organizar e atribuir significado às suas experiências, pensamentos e emoções. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** À equipe de coordenação, coube aprender a explorar o lúdico e buscar no simbólico traduzir, interpretar, sintetizar e decodificar os conteúdos expressos no brincar. **Descritores:** Dinâmica de Grupo; Desenvolvimento Psicológico; Desenvolvimento Infantil; Emoções.

#### INTRODUÇÃO

O ser humano, desde o seu nascimento, é inserido em grupos e desenvolve-se enquanto indivíduo fazendo parte desses grupos. Nesse contexto, esse processo ocorre de forma dialética entre a procura de sua identidade individual e a demanda de uma identidade social e grupal<sup>1</sup>.

A seguir essa linha, as aflições da existência humana perpassam pela necessidade de convivência em diferentes grupos enquanto tentam manter sua posição individual. Desse modo, as diferenças existentes entre os seres humanos, como idade, gênero e posição social, são universais, entretanto ganham sentido subjetivo somente a partir das relações concretas vividas por cada pessoa. Esse sentido passa a compor a estrutura dos vínculos, influenciando o papel que cada sujeito assume nos grupos e a forma como se relaciona com o outro<sup>2</sup>.

A utilização dos conhecimentos advindos da Psicologia de grupal se torna de notória relevância justamente na medida em que todo indivíduo passa grande parte de seu tempo de sua vida convivendo em diferentes grupos e agrupamentos<sup>1</sup>. No entanto, tradicionalmente, a psicanálise elegeu como seu objeto fundamental de intervenção o sujeito particular. Pichon-Rivière subverte essa proposta e propõe que, ao se pensar em um grupo, mantenham-se em mente dois eixos: o vertical, que versa sobre os elementos que compõem o grupo, diferenciados do conjunto, e o horizontal, que se refere ao grupo pensado em sua totalidade<sup>2</sup>.

Nesta direção, nota-se a importância de desenvolver práticas psicológicas grupais como forma de intervenção clínica desde o ciclo da vida da infância, haja vista a complexidade inerente ao desenvolvimento da personalidade e seus atravessamentos socioemocionais, os quais impactam diretamente na promoção de saúde mental e prevenção



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

a patologias e seus agravos. Assim, o presente trabalho objetivou relatar a experiência de prática de estágio obrigatório supervisionado com grupo operativo para acolhimento psicológico de crianças (9 a 11 anos) em um serviço-escola.

Destaca-se que o trabalho grupal voltado para crianças na faixa etária de 9 a 11 anos, configura-se como uma intervenção de grande potência no campo da saúde mental, alicerçada em uma compreensão profunda do desenvolvimento infantil e da dinâmica familiar. Acrescenta-se a compreensão psicanalítica de que, neste estágio, as crianças se encontram no período de latência, caracterizado por uma relativa estabilização emocional e um direcionamento da energia psíquica para o aprendizado, a socialização e a conquista de habilidades<sup>3</sup>.

O grupo, neste contexto, torna-se um espaço privilegiado para a experimentação de papéis sociais, a construção da identidade e a aprendizagem de regras de convivência. As demandas centrais desse público incluem a necessidade de reconhecimento pelos pares, a formação de uma autoimagem positiva e o manejo de conflitos inerentes à competição, rivalidade e busca por aceitação no grupo.

### MÉTODO

Esta pesquisa se trata de um relato de experiência profissionalizante acerca de uma prática de estágio obrigatório supervisionado desenvolvido, no ano de 2025, no serviço-escola de Psicologia Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada "Dr<sup>a</sup> Betti Katzenstein" (CPPA), da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, câmpus de Assis. Ocorreram 13 encontros, nos quais se contou com a média de 5 crianças, considerando a assiduidade dos participantes do grupo, no entanto constituiu-se um total de 6 participantes inscritos a fim de compor o grupo fechado. Todavia, a atividade relatada detalhadamente neste trabalho, refere-se a três encontros realizados. Realça-se que foram adotados todos os cuidados éticos em pesquisa no tocante à preservação de sigilo das informações particulares de cada sujeito envolvido, assim como o anonimato destes.

Com relação à realização das atividades práticas, tem-se que, no atendimento com criança, o uso da ludicidade, por meio de brinquedos e recursos artísticos, se constitui como ferramenta essencial para a interação entre psicólogo e paciente, uma forma de diálogo em que pressupõe-se uma linguagem<sup>4</sup>, recurso valioso para o diagnóstico do mundo psíquico infantil. Através dos encontros realizados, enquanto equipe, percebeu-se a crescente inquietação entre os pacientes infantis, bem como os poucos momentos lúdicos vivenciados em suas rotinas e da dificuldade em identificar emoções. Conjuntamente com os demais estagiários do núcleo de estágio e com a supervisora responsável pelas práticas, definiu-se que uma atividade que reunisse a ludicidade e o letramento emocional eram necessários para serem trabalhados com os pacientes.

Em reunião interna da equipe de estagiários que coordenava o grupo e em busca de possíveis atividades e recursos previamente elaborados com base no planejamento inicial, constatou-se que nenhum desses instrumentos era oportuno para o objetivo almejado: o trabalho terapêutico da demanda clínica apresentada pelos pacientes. Decidiu-se assim por elaborar uma atividade que suprisse a demanda de trabalho desejada, o que ilustra a proatividade dos estagiários no processo de aprendizagem e atuação, pautado no estímulo ao protagonismo dos estudantes em prol do desenvolvimento de habilidades necessárias ao desempenho profissional de modo ético.

Unindo a finalidade dos recursos do desenho - controle motor, intelectual e desenvolvimento da atenção - e da pintura - liberação das emoções e relaxamento de mecanismos defensivos<sup>5</sup> - foi elaborada uma atividade em três etapas, baseada no livro "O



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

Monstro das Cores", de Anna Llenas, que consistia em três folhas sulfites impressas, a primeira com a figura do monstro confuso, a segunda com frascos de vidros etiquetados e a terceira com a imagem do mesmo monstro, com um semblante mais tranquilo segurando um frasco de vidro e um poema confeccionado pela equipe que continham comandos que nortearam a atividade. O poema deixava claro que o monstro conseguia identificar parcialmente as emoções experimentadas e sabia as reações físicas que estas causavam, mas precisava de ajuda para identificar as demais. Tal elaboração refletiu o nível de consciência expresso pelos pacientes, bem como manifestações corpóreas que as próprias crianças já associavam à determinadas emoções.

No percurso da atividade proposta, a equipe leu estrofe por estrofe a história do monstro e reforçou os comandos junto aos recursos previamente apresentados. A imagem do primeiro monstro foi distribuída teve a função de expressassem através de rabiscos, a falta de identificação das emoções expressa diversas vezes nos encontros do grupo, exemplificando a dificuldade na compreensão das mesmas. A imagem dos frascos serviu como um glossário, onde as crianças, em conjunto definiram uma cor para cada emoção mencionada no poema e às "etiquetou", a fim de fixar a compreensão através do código de cores. Por fim, a terceira folha com uma outra imagem do monstro serviu como uma espécie de mapa corpóreo, onde, ao final da leitura do poema as crianças foram incentivadas à identificar e assinalar com as cores correspondentes as partes do corpo do monstro mencionadas no poema.

É importante destacar que, as emoções trabalhadas no poema são as emoções mencionadas no livro base escolhido para a atividade e as partes do corpo do monstro mencionadas foram baseadas nos relatos das próprias crianças, quando o tema emoções e manifestações corpóreas emergiram nos encontros do grupo. Após o encerramento dos comandos das atividades, as crianças foram provocadas à pensar em mais partes do corpo onde percebem as manifestações das emoções mencionadas no poema, bem como na reflexão de emoções e sentimentos para além do proposto, expandindo o glossário coletivo e o individualizando com suas especificidades, colorindo os potes em branco e etiquetando com suas emoções e sentimentos singulares. E, por fim, todos também foram incentivados a colorir os monstros com as novas cores do glossário dos potes.

### RESULTADOS DA EXPERIÊNCIA “MAPEANDO AFETOS”

A experiência, intitulada “Mapeando Afetos”, contou com um total de três encontros e foi realizada no grupo com as crianças após a constatação de que, em encontros anteriores, elas apresentaram dificuldades em identificar emoções tanto nas experiências cotidianas relatadas nas sessões grupais, quanto aquelas experienciadas na própria sessão no *setting* terapêutico.

A partir da utilização da obra mencionada anteriormente, elaborou-se um poema que foi utilizado como recurso e contou com quatro momento de interação: no primeiro, foi solicitado às crianças que rabiscassem com diferentes cores, que representavam cada uma delas uma emoção, um “monstro” impresso em folha sulfite; no segundo, elas tiveram de separar as emoções em diferentes potes impressos em outra folha, isto é, elas pintaram cada pote com uma cor diferente, a fim de favorecer a diferenciação de cada emoção pelas crianças; no terceiro momento, elas pintaram um outro “monstro” de modo a identificar em qual local do corpo o monstro sentia determinada emoção; e, por último, no desenho do segundo monstro, ele estava segurando um pote, o qual as crianças deveriam pintar com a cor que representasse a emoção que ele mais sentisse no dia a dia.

No primeiro encontro, devido a limitação temporal do atendimento, não foi possível



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

realizar um momento de compartilhamento das observações e associações que as crianças manifestaram no encontro, de modo que se deu continuidade à essa temática no encontro seguinte. No segundo encontro, então, foi possibilitado à coordenação trabalhar a interpretação por parte das crianças do que havia sido trabalhado, foi solicitado, por exemplo, que elas colocassem os dois “monstros” lado a lado e falassem o que elas achavam da comparação. Essa intervenção foi primorosa, uma vez que possibilitou que as crianças não só interpretassem as diferenças entre os monstros, um “emocionalmente desorganizado” e outro “emocionalmente organizado”, como também que elas pensassem em estratégias práticas do que o monstro poderia fazer quando sentisse determinada emoção. À guisa de exemplo, cita-se a estratégia de tomar banho relatada por uma paciente quando ela se sentia como o primeiro monstro, desorganizada emocionalmente.

Após esses dois encontros, a equipe de coordenação confirmou que era necessário trabalhar o aspecto da coesão grupal nos encontros. Para isso, foi-se elaborado uma teatralização de uma história que tinha como protagonistas os monstros que cada paciente havia confeccionado nos encontros anteriores, os quais passaram a morar juntos no "Vale das Flores Coloridas", a partir da utilização de recursos de pintura, o vale foi representado em papel Kraft. A partir disso, foi possível estimular que as crianças realizassem um trabalho em equipe, de modo a colaborar para uma construção conjunta que representasse a vida em coletividade.

### DISCUSSÃO

A atividade explanada foi constituída sob a ideia de que os grupos de mediação são aqueles nos quais se introduz recurso que funciona como um objeto mediador, como desenho, colagem e pintura, com a função específica de ser compartilhado com todos do grupo. Do ponto de vista pulsional, o objeto de mediação permite a tradução intrapsíquica em representações, já nas relações de objeto, ele favorece uma troca intersubjetiva que permite ao sujeito realizar a dimensão narcísica de sua percepção e repensar sua posição subjetiva diante do grupo<sup>6</sup>.

A seguir essa linha, foi possível apreender como a utilização do monstro como objeto de mediação propiciou que as crianças projetassem conteúdos individuais nessa materialidade externa, de modo a corroborar com a tradução intrapsíquica em representações, uma vez que o monstro permite um certo distanciamento por parte das crianças a conteúdos, por vezes, de difícil acesso.

Nos encontros descritos, percebeu-se que foi possível realizar algumas compreensões e reflexões à equipe de coordenação e ao ambiente de supervisão. No início, as crianças apresentaram resistência significativa ao engajamento na atividade, algumas associaram a atividade a uma prova escolar, o que exigiu da equipe de coordenação intervenções que remetesse às crianças a especificidade do enquadre terapêutico, diferenciando-o do escolar, após as quais possibilitou às crianças engajar melhor na proposta e demarcar o lugar do saber-fazer psicológico.

Por conseguinte, durante a realização das etapas, as crianças, enquanto elegiam as cores, foram explicitando contextos nos quais sentiam determinada emoção, o que propiciou à equipe de coordenação melhor compreensão acerca do funcionamento daqueles sujeitos. É cabível esclarecer também que cada criança apresentou um comportamento específico durante a atividade, algumas cumpriram as etapas rapidamente, mas sem demonstrar associação com aspectos pessoais, outras apresentaram grande dificuldade de identificação de diferentes emoções, de modo a se movimentar o tempo todo pelo *setting*, o que foi interpretado como uma manifestação da angústia que o sujeito sentia no desenrolar dessa



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

atividade e houve ainda aquelas que participaram de forma a associar a realização da tarefa objetiva a aspectos de sua vida pessoal.

No que tange aos ganhos formativos dos estagiários, é preciso destacar as características que o psicoterapeuta deve possuir: capacidade de continência para tolerar frustrações e ataques, às vezes, corporais; comunicação simples e acessível com as crianças, de modo a propiciar a entrada e saída do mundo fantasioso construído por elas, bem como adequar-se ao modo de expressão da linguagem destas, além de criatividade e liberdade no seu trabalho<sup>1</sup>.

Dito isto, a atuação do coordenador em contextos grupais representa um desafio complexo que apresenta diversos requisitos a cumprir. É necessário um cuidado com o próprio termo "coordenação", uma vez que não se trata de dar coordenadas ou orientar ações, mas de mediar um processo em conjunto com diversos elementos dentro do grupo<sup>7</sup>. Esta perspectiva exige do profissional uma postura diferente da tradicional relação hierárquica que é vista em algumas relações grupais, baseando-se em uma escuta qualificada que se configura como um escutar com, de modo a sentir junto do outro, disponibilizando-se ao encontro.

A construção desse espaço de diálogo e potência, fundamenta-se no princípio da horizontalidade, onde o coordenador precisa abandonar a lógica desigual da superioridade, indo ao encontro do grupo não com seus saberes e verdades, mas colocando-se no plano da igualdade. Essa mesma horizontalidade deve permear as relações entre os membros do grupo, cabendo ao coordenador a função essencial de fazer circular a palavra, garantindo que todas as vozes sejam ouvidas e todos os discursos tenham possibilidade de expressão.

A efetividade desse complexo trabalho é significativamente potencializada pela adoção do modelo de equipe mínima postulado por Pichón-Rivière<sup>8</sup> que prevê a necessidade de uma equipe composta por, no mínimo, um coordenador e um observador. Enquanto o coordenador se envolve na interação direta com o grupo, o observador mantém uma posição de maior distanciamento, atento ao processo grupal e identificando pontos cegos que podem escapar à percepção do coordenador imerso na relação. Essa equipe forma um sistema complementar que amplia a capacidade de leitura e contenção do grupo. No entanto, para que a equipe funcione adequadamente, é necessária harmonia entre coordenador e possíveis cocoordenadores. A falta desta sintonia pode levar o grupo a projetar seus conflitos nesta dupla, criando uma atmosfera de rivalidade que prejudica todo o processo<sup>1</sup>.

Sobre esse aspecto, é cabível destacar que os resultados obtidos vão ao encontro dos achados de outros estudos<sup>9</sup>, especialmente no que toca ao aprimoramento de habilidades que dizem respeito à capacidade de administrar o tempo de cada participante; estar preparado para engajar nas atividades propostas e estar atento às informações implícitas e sinais emitidos pelos participantes.

Não obstante essa ter sido uma experiência exitosa, é importante ressaltar, no que diz respeito à diversidade de formas de atuação e especificidades de manejo que a prática com grupos pode assumir, que toda atividade proposta se enquadra como um meio para o trabalho psíquico, de modo que aquilo que ela desperta nos participantes do grupo, inclusive resistências e até mesmo recusa de participação, é importante para o processo do grupo e deve ser acolhido, refletido e interpretado sempre que possível.

Ao analista que propõe a atividade, pouco importa o resultado objetivo, verificando muito mais proveito em atividades que não transcorreram como esperado<sup>10</sup>. Essa perspectiva em relação à execução objetiva das tarefas, torna-se de suma relevância na medida em que alerta os analistas a não se deixarem tomar pelo afluxo produtivista que é tão presente nas práticas cotidianas<sup>10</sup>.



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante ao que foi exposto, considera-se que a experiência de trabalho grupal realizada no serviço-escola de Psicologia em articulação com a teoria estudada, trouxe diferentes reflexões e constatações que contribuem para a formação e implicações para as políticas públicas de saúde, o processo de ensino-aprendizagem e o exercício da prática profissionalizante no contexto da graduação em Psicologia. A atividade explicitada foi pensada e concretizada a partir da constatação da equipe de coordenação de uma demanda que era emergente no grupo, a dificuldade de identificação e nomeação das emoções que as crianças sentiam em diferentes contextos, que produzia nelas sobrecarga emocional, e, por vezes, manifestações somáticas que elas próprias não compreendiam.

Nesse contexto, o trabalho foi desenvolvido de modo a objetivar um letramento emocional, isto é, um aumento do repertório simbólico desses sujeitos, a fim de auxiliá-los na assunção das próprias interpretações de si e de suas emoções. Ao longo dos encontros, o trabalho exigiu da equipe de coordenação o aprimoramento e a aquisição de diferentes habilidades importantes na experiência de formação, vide aprender a explorar o lúdico e buscar no simbólico traduzir, interpretar, sintetizar e decodificar os conteúdos expressos no brincar. Considera-se, portanto, que os impactos da ação clínica relatada ao processo formativo dos estagiários culminam na produção desta produção científica, visando publicizar em contexto científico de modo a disseminar práticas exitosas e inovadoras diante de configurações desafiadoras aos jovens aprendizes em contato com a prática psicológica clínica grupal.

### REFERÊNCIAS

- 1- Zimerman DE, Osório LC. Como Trabalhamos com Grupos. 1a ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1997.
- 2- Pichón-Rivière, E. O Processo Grupal. São Paulo: Martins Fontes; 2005.
- 3- Levisky RB. Grupo com crianças. In: Zimerman DE, Osório LC, organizadores. Como trabalhamos com grupos. Porto Alegre: Artes Médicas; 1997. p. 311-320.
- 4- Affonso, RML. Brincar, Significação e Representação. In: Affonso, RML, organizadora. Ludodiagnóstico: Intervenção clínica através do brinquedo. Porto Alegre: Artmed; 2012. p. 38-57.
- 5- Sei, MB. Arteterapia e Psicanálise. 2º ed. São Paulo: Zagodoni Editora; 2017
- 6- Vacheret C, Gimenez G, Abud CC. Como pensar a sinergia entre o grupo e o objeto mediador? Rev Bras Psicanal. 2013;47(3):156-169.
- 7- PEREIRA, Eliane Regina; SAWAIA, Bader Burihan. Práticas grupais: espaço de diálogo e potência. São Carlos: Pedro & João, 2020.
- 8- CASTANHO, Pablo. Uma introdução aos grupos operativos: teoria e técnica. Vínculo-Revista do NESME, v. 9, n. 1, p. 47-60, 2012.
- 9- Peralta PEC, Ribeiro PCI, Gouveia EC, Nascimento AKC, Tavares VLM, Pinto ALF. Compartilhamento de vivência extensionista com grupos de acolhimento psicológico a crianças e suas cuidadoras. Estilos Clin. Outubro/2024. V. 29, nº 3: 517-533. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v29i3.p517-533>.
- 10- Castanho P. Sobre como trabalha um analista ao coordenar um grupo. Vínculo (NESME). 2014;11(2):41-52.



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

### A EQUIPE COMO EGO AUXILIAR: PSICODRAMA E SEGURANÇA PSICOLÓGICA NA FORMAÇÃO DE RESIDENTES DE ENFERMAGEM

<sup>1</sup>Raquel Garcia de Lima Sória, <sup>2</sup>Marcos Hirata Soares

<sup>1</sup>Doutoranda em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina. Professora da UNICESUMAR.

<sup>2</sup>Professor dos Programas de Pós-graduação em Enfermagem e Psicologia da Universidade Estadual de Londrina.

#### RESUMO

**INTRODUÇÃO:** A segurança psicológica tem sido reconhecida como um elemento central para o bem-estar dos profissionais de saúde e para a qualidade do cuidado, especialmente em contextos formativos marcados por alta complexidade relacional. **OBJETIVO:** Relatar e analisar uma intervenção psicodramática com residentes de enfermagem, explorando sua contribuição para a construção do papel profissional e a segurança psicológica grupal. **MÉTODO:** Trata-se de um relato de experiência realizado com cinco residentes de enfermagem em saúde mental, em um hospital público do sul do Brasil. A atividade seguiu etapas do psicodrama, incluindo aquecimento, dramatização de situação clínica envolvendo paciente agressivo, inversão de papéis e compartilhamento grupal. **RESULTADOS e DISCUSSÃO:** Observou-se que a insegurança profissional esteve associada à vivência solitária do papel. A atuação de colegas como egos auxiliares favoreceu a organização da ação, ampliando a sensação de segurança e reduzindo a agressividade na cena dramatizada. O compartilhamento evidenciou identificação grupal e reconhecimento do apoio entre pares. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** O psicodrama mostrou-se um recurso potente para aprendizagem experiencial, contribuindo para o fortalecimento do papel profissional e da segurança psicológica em contextos de formação em saúde. **DESCRITORES:** Psicodrama, Segurança Psicológica, Educação em Saúde, Enfermagem, Internato e Residência, Relações Interpessoais.

#### INTRODUÇÃO

No contexto brasileiro e internacional, o adoecimento emocional de profissionais da saúde e a ocorrência de eventos adversos assistenciais têm sido amplamente investigados, sendo tradicionalmente associados à sobrecarga de trabalho, às condições organizacionais e às demandas emocionais do cuidado. Contudo, evidências recentes indicam que tais fenômenos não podem ser compreendidos de forma dissociada da qualidade das interações interpessoais nas equipes de saúde, que exercem papel central tanto na experiência subjetiva dos trabalhadores quanto nos desfechos assistenciais<sup>1</sup>.

Nesse cenário, o conceito de segurança psicológica tem emergido como um constructo relevante para compreender dinâmicas grupais em ambientes complexos. Inicialmente proposto no campo das organizações, refere-se à percepção compartilhada de que o ambiente é seguro para a exposição interpessoal, permitindo que indivíduos expressem dúvidas, erros, preocupações e ideias sem receio de constrangimento, rejeição ou punição<sup>2</sup>. Trata-se, portanto, de uma propriedade relacional e coletiva, construída nas interações cotidianas.

Na área da saúde, a segurança psicológica tem sido associada a desfechos fundamentais, como a qualidade do cuidado, a segurança do paciente e a aprendizagem organizacional<sup>3</sup>. Equipes com maior SP tendem a comunicar erros com mais frequência, compartilhar informações críticas, solicitar ajuda em situações de incerteza e engajar-se em práticas reflexivas<sup>2,3</sup>. Por outro lado, ambientes marcados por baixa segurança psicológica favorecem o silêncio organizacional, a ocultação de falhas e a reprodução de práticas inseguras, comprometendo tanto o cuidado quanto o bem-estar dos profissionais<sup>4</sup>.

Além disso, a literatura aponta que a segurança psicológica está diretamente relacionada ao clima organizacional e às práticas de liderança, influenciando processos como engajamento, retenção profissional e saúde mental<sup>3,4</sup>. Ambientes que não favorecem essa



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

dimensão apresentam maior rotatividade, conflitos interpessoais, ambiguidade de papéis e maior prevalência de sofrimento psíquico, incluindo sintomas depressivos e burnout<sup>5,6</sup>.

No campo da formação em saúde, esses elementos tornam-se ainda mais críticos, dado o caráter intensivo, prático e emocionalmente exigente dos processos formativos. A residência em enfermagem, enquanto modalidade de formação em serviço, constitui um espaço privilegiado de aprendizagem, mas também de intensa exposição a situações de alta complexidade clínica e relacional. Nesse contexto, a construção do papel profissional não se dá apenas pela aquisição de conhecimentos técnicos, mas pela internalização de modos de agir, posicionar-se e relacionar-se no cuidado, sendo fortemente influenciada pelas experiências vividas nas equipes.

Entretanto, residentes frequentemente relatam insegurança, medo de julgamento, dificuldades de comunicação e sensação de despreparo diante de situações desafiadoras, especialmente aquelas que envolvem manejo de conflitos, agressividade ou sofrimento psíquico. Tais aspectos podem ser compreendidos à luz de fragilidades na constituição do papel profissional, particularmente quando vivenciado de forma pouco sustentada pelo coletivo.

Nesse sentido, a equipe pode ser compreendida como um espaço de co-construção do cuidado, no qual os profissionais atuam como sustentação mútua para a ação. A presença de vínculos de confiança, reconhecimento e apoio entre pares favorece não apenas a eficácia das intervenções, mas também a sensação de segurança subjetiva para agir em contextos de incerteza, aproximando-se da noção de segurança psicológica enquanto fenômeno grupal<sup>2,4</sup>.

O psicodrama, enquanto método ativo baseado na espontaneidade e na aprendizagem experiencial, oferece uma abordagem potente para explorar essas dimensões. Por meio de técnicas como dramatização, inversão de papéis e uso de egos auxiliares, possibilita a experimentação de situações vividas, a ampliação de repertórios de ação e a ressignificação de experiências profissionais<sup>7</sup>. No contexto da formação em saúde, tem sido utilizado como estratégia pedagógica capaz de favorecer o desenvolvimento de competências relacionais e a construção do papel profissional<sup>7</sup>.

A figura do ego auxiliar, em particular, destaca-se como elemento central nesse processo, ao representar a possibilidade de o outro sustentar, complementar ou organizar a ação do protagonista. Essa dinâmica evidencia, em nível experiencial, o papel da equipe como suporte relacional, contribuindo para a construção de um ambiente percebido como seguro para agir, errar e aprender.

Dessa forma, observa-se uma convergência entre os conceitos de segurança psicológica, trabalho em equipe e psicodrama, especialmente no contexto da formação em enfermagem. Enquanto a segurança psicológica fornece um referencial teórico para compreender as condições necessárias ao aprendizado e à colaboração<sup>2-4</sup>, o psicodrama se apresenta como um dispositivo capaz de operacionalizar essas condições em experiências concretas de aprendizagem<sup>7</sup>.

Assim, este estudo tem como objetivo relatar e analisar uma intervenção psicodramática com residentes de enfermagem, buscando compreender sua contribuição para a construção do papel profissional e para a segurança psicológica grupal no cuidado.

### MÉTODO

Trata-se de relato de experiência realizado com cinco residentes de enfermagem em saúde mental, em uma instituição hospitalar pública do sul do Brasil. A atividade foi realizada em setembro de 2025, durante disciplina na residência, conduzida por psicóloga convidada. A intervenção seguiu etapas do psicodrama: aquecimento inespecífico com jogos



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

e risoterapia, aquecimento específico para evocação de situações profissionais, escolha de cena envolvendo manejo de paciente agressivo, dramatização com protagonista e egos auxiliares, inversão de papéis e compartilhamento final.

### RESULTADOS

Observou-se que a insegurança do protagonista estava associada à fragilidade do papel profissional quando vivenciado de forma solitária. A entrada de uma colega assumindo postura firme auxiliou na organização da cena, produzindo uma sensação de segurança relatada pelo protagonista e pelo participante no papel do paciente, que interrompeu a agressividade ao perceber clareza na condução do procedimento. Durante o compartilhamento, evidenciou-se a identificação grupal e o reconhecimento do apoio entre pares como fator de sustentação da ação profissional.

### DISCUSSÃO

Os achados deste estudo indicam que a intervenção psicodramática favoreceu a construção do papel profissional e a ampliação da segurança psicológica entre residentes de enfermagem, especialmente ao possibilitar a vivência de situações desafiadoras em um ambiente protegido. Diferentemente de abordagens exclusivamente expositivas, o psicodrama permitiu acessar dimensões implícitas da prática, como insegurança, medo e dificuldades relacionais, promovendo sua elaboração no contexto grupal<sup>7</sup>.

A insegurança inicialmente apresentada pelo protagonista pode ser compreendida como expressão de uma fragilidade na constituição do papel profissional, particularmente em contextos de alta exigência emocional, como o manejo de pacientes agressivos. Na perspectiva psicodramática, o papel não é uma entidade fixa, mas um processo em construção, dependente das interações e do repertório de respostas disponíveis ao sujeito<sup>7</sup>. Nesse sentido, a atuação solitária tende a restringir possibilidades de ação, enquanto a presença de outros, representados pelos egos auxiliares, amplia o campo de respostas possíveis.

A entrada de uma colega assumindo postura mais firme na cena evidenciou, de forma concreta, o papel da equipe como sustentação da ação profissional. Esse movimento não apenas reorganizou a dinâmica da interação com o paciente, como também produziu uma mudança na experiência subjetiva de segurança do protagonista. Tal achado dialoga com a literatura sobre segurança psicológica, que aponta que a percepção de suporte interpessoal está diretamente relacionada à confiança para agir, especialmente em situações de incerteza<sup>2,3</sup>.

Além disso, a interrupção da agressividade do paciente na cena dramatizada sugere que a clareza e a coesão na atuação da equipe podem influenciar diretamente o comportamento do usuário, contribuindo para a segurança do cuidado. Esse aspecto reforça a ideia de que a segurança psicológica não se restringe ao bem-estar dos profissionais, mas possui implicações diretas na qualidade assistencial e na segurança do paciente<sup>3</sup>.

O momento de compartilhamento grupal mostrou-se particularmente relevante, ao favorecer a identificação entre os participantes e o reconhecimento do apoio entre pares como elemento estruturante da prática profissional. Esse processo pode ser compreendido como um mecanismo de validação intersubjetiva, no qual experiências individuais são ressignificadas à luz do coletivo. A literatura indica que ambientes que favorecem a expressão de vulnerabilidades e a troca de experiências contribuem para o fortalecimento da segurança psicológica e para o aprendizado coletivo<sup>2,4</sup>.



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

Do ponto de vista formativo, os resultados reforçam a importância de estratégias pedagógicas que transcendam a dimensão técnico-instrumental, incorporando o desenvolvimento de competências relacionais e emocionais. A residência em enfermagem, por sua natureza prática e intensiva, demanda dispositivos que possibilitem a reflexão sobre a ação e a experimentação de diferentes formas de atuação. Nesse contexto, o psicodrama se apresenta como uma ferramenta potente, ao articular experiência, emoção e reflexão no mesmo processo de aprendizagem<sup>7</sup>.

Adicionalmente, a noção de equipe como “ego auxiliar ampliado” emerge como uma contribuição interpretativa relevante deste estudo. Ao extrapolar o setting psicodramático, essa ideia permite compreender a equipe de saúde como um dispositivo relacional que sustenta o agir profissional, especialmente em situações de maior complexidade. Tal perspectiva aproxima-se das discussões sobre clima psicossocial e segurança psicológica, nas quais o suporte entre pares atua como fator protetor frente ao estresse ocupacional e ao adoecimento mental<sup>5-6</sup>.

Entretanto, alguns limites devem ser considerados. O número reduzido de participantes e o caráter pontual da intervenção restringem a generalização dos achados. Além disso, a realização de um único encontro não permite avaliar a sustentação dos efeitos ao longo do tempo, tampouco sua incorporação na prática cotidiana dos residentes. Estudos futuros podem explorar intervenções longitudinais, com diferentes grupos e contextos, bem como investigar de forma mais sistemática os impactos do psicodrama na segurança psicológica e nos desfechos assistenciais.

Apesar dessas limitações, os resultados apontam para o potencial do psicodrama como estratégia formativa no contexto da educação em saúde, especialmente ao promover espaços de experimentação, apoio mútuo e construção coletiva do conhecimento. Ao favorecer a articulação entre experiência individual e dinâmica grupal, contribui para o fortalecimento do papel profissional e para a construção de ambientes mais seguros, tanto para os trabalhadores quanto para os pacientes.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que o psicodrama se mostrou como um possível recurso de aprendizagem experiencial capaz de promover a construção do papel profissional e fortalecimento da segurança psicológica grupal. A experiência sugere sua aplicabilidade na educação permanente em saúde, especialmente em contextos que exigem trabalho em equipe e manejo de situações desafiadoras.

### REFERÊNCIAS

- 1.Vieira BAP, Ricarte LB. Investigation of cases of work-related mental disorders in Brazil: an ecological study. *Rev Bras Med Trab.* 2025;23(4):1-7.
- 2.Edmondson AC. Psychological safety and learning behavior in work teams. *Adm Sci Q.* 1999;44(2):350-83.
- 3.Clarke E, Malinen S, Näswall K, Masselot A. Safe to stay: The role of leader behaviors and psychological safety in employee retention. *Ger J Hum Resour Manag.* 2026;40(1):56-86.
- 4.Rocha MO, De Paula ER, Messias JCC, Ambiel RAM, Massuda Junior J. Impacto da liderança na segurança psicológica em organizações: scoping review. *Rev Adm UNIMEP.* 2024;14(3):418-41.
- 5.Hamre KV, Einarsen SV, Notelaers G. Psychosocial safety climate as a moderator in role



## ANAIS DO I ENCONTRO ESTADUAL DE SAÚDE MENTAL: ENSINO, PRÁTICAS E PESQUISA

stressor-bullying relationships: a multilevel approach. *Saf Sci.* 2023;164:106165. doi:10.1016/j.ssci.2023.106165

6.Cho SK, Cho SS, Dollard MF, Loh MY, Kang MY. Association between psychosocial safety climate and depression risk among Korean workers. *Epidemiol Health.* 2025;47:e2025044. doi:10.4178/epih.e2025044.

7.Cardoso AS, Bond E. O ensino da pedagogia psicodramática como método para novas aprendizagens. *Rev Bras Psicodrama.* 2018;26(1):140-6.



**I EESMEPP**

**FUNDAÇÃO  
ARAUCÁRIA**



ISBN 978-658319951-5



9 786583 199515

**thesis** editora científica